



Pontifícia
Universidade
Católica do
Rio de Janeiro

FÁBIO PEREIRA BATISTA

**MULATA SHOW, O CORPO NEGRO PARA EXPORTAÇÃO:
A MULATA BRASILEIRA E SUAS PERSPECTIVAS CULTURAIS, HISTÓRICAS E
SOCIOPOLÍTICAS.**

Monografia apresentada à Graduação em História da PUC RIO
Como requisito parcial para obtenção dos títulos de
Licenciatura e Bacharelado em História

Orientadora:
Prof.^a Maria Elisa Noronha de Sá

Departamento de História
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

**Rio de Janeiro,
Junho de 2025**

Agradecimentos

Agradeço, em primeiro lugar, a ancestralidade por me sustentar nesta trajetória de vida. Como um dos melhores presentes divinos que recebi, tenho uma família, que me apoia em toda as investidas do destino. Devo a minha família esta formação acadêmica como um retorno por todos os esforços que fizeram por mim. Sou grato por tê-los por perto, grato por tê-los ativos nessa caminhada, gratidão a todos os membros da família “Sobreira Pereira”.

Gratidão a todas as mães que a vida me deu, Maria de Lurdes a que me deu à luz, Rosana Helena a que me ensinou a ter fé, Valéria Bastos a que me abriu os olhos para os estudos, Carmen Luz a que me orientou ao caminho das pedras, Nilza, Taíce e Paulina (in memoriam) as que nunca soltaram a minha mão desde criança.

Dedico também este momento de gratidão aos Mestres e Mestras das escolas públicas que estudei e que me capacitaram para chegar a duas universidades. Com admiração estendo minhas gratidões ao corpo docente da PUC Rio em especial a minha orientadora professora Maria Elisa e a minha leitora crítica Juçara Mello. Também dedico aos companheiros e companheiras de jornada acadêmica pela solidariedade e parceria que foram o cerne dos nossos elos de amizades.

Foram muitos os que participaram deste processo de crescimento e contribuíram para que fosse possível enfrentar as dificuldades e de alguma forma, me incentivar a seguir sem desistir. Por conta disso faço um agradecimento especial aos que não vou conseguir mencionar nome a nome, relacionando-os através de suas áreas; Gratidão ao povo do Candomblé, ao povo do samba, ao povo da dança, ao povo dos projetos sociais, ao povo de rua, da floresta, do morro e da calunga.

Na construção desse material foi necessário mobilizar para além de livros, artigos e obras literárias, a contribuição de artistas ilustres e referências na cultura brasileira: Aldione Sena, Nilce Fran, Aninha Malandro e Tania Bisteka. Foi por mulheres negras do samba que a monografia foi pensada e confeccionada junto a elas, seguindo a necessidade de que suas narrativas ocupassem um lugar na academia.

Por fim, agradeço todas as Mulatas do show brasileiro por protagonizarem a pesquisa, deixo também, minhas desculpas por não ter condições de agregar mais artistas de relevância nesta monografia.

Resumo

O presente trabalho, analisa a representação da figura da mulata na sociedade brasileira, explorando suas histórias, culturais e sociais, a partir de uma abordagem interdisciplinar, que se apoia nos estudos e reflexões sobre raça, gênero, sexualidade e interseccionalidade. A pesquisa se utiliza dessas perspectivas para justificar o surgimento da mulata show / exportação.

A persona mulata é emblemática nos debates identitários entre os especialistas do tema, tanto no Brasil, quanto na América como um todo. Esta monografia enfatiza a construção dos conceitos através de diferentes contextos, seja na Sociologia, na Literatura, Cultura, Política e nas Mídias, mas o foco é evidenciar caminhos que desembocam na mulata artista. Revela a importância do legado cultural, os meandros da profissão, as causas da fixação de estereótipos e objetificação. Todavia, enfatiza o uso do ofício como ferramenta de transformação social, afirmação identitária negra feminina entre outros valores.

A pesquisa revela que são tão multifacetados e complexos os estudos desenvolvidos sobre o tema, que por conta disso, gerou uma certa confusão mental no emprego do termo mulata nos diálogos populares.

O trabalho leva em conta a percepção e a vivência de algumas personalidades, seja através de textos acadêmicos, livros e entrevistas exclusivas produzidas para dar protagonismo a mulheres que atuaram e atuam neste setor da cultura popular.

Palavras chaves:

Raça – Gênero – Miscigenação – Identidades – Cultura – Política – História Social

Summary

The present work analyzes the representation of the figure of the mulatto in Brazilian society, exploring its histories, cultural and social, from an interdisciplinary approach, which is based on studies and reflections on race, gender, sexuality and intersectionality. The research uses these perspectives to justify the emergence of the mulatto show / export.

The mulatto persona is emblematic in the identity debates among experts on the subject, both in Brazil and in America as a whole. This monograph emphasizes the construction of concepts through different contexts, whether in Sociology, Literature, Culture, Politics and Media, but the focus is to highlight paths that lead to the mulatto artist. It reveals the importance of cultural legacy, the intricacies of the profession, the causes of the fixation of stereotypes and objectification. However, it emphasizes the use of the craft as a tool for social transformation, affirmation of black feminine identity, among other values.

The research reveals that the studies developed on the subject are so multifaceted and complex, that because of this, it caused a certain mental confusion in the use of the term mulatto in popular dialogues. The work takes into account the perception and experience of some personalities, whether through academic texts, books and exclusive interviews produced to give prominence to women who have worked and work in this sector of popular culture.

Keywords:

Race – Gender – Miscegenation – Identities – Culture – Politics – Social History

Sumário

Introdução.....	5
-----------------	---

Capítulo I - BRASIL, PROJETOS E TEORIAS DA MISCEGENAÇÃO

1.0 Indígena x Moura Encantada.....	9
1.1 Africanas x Vênus Negra.....	12
1.2 O nascimento da Mulata.....	13
1.3 O debate sobre Miscigenação.....	16

Capítulo II – A MULATA É A TAL...

2.0 Mulatas, são ou não são negras?.....	23
2.1 Mulata, “usufruto” da tal democracia racial.....	26
2.2 Mulata: Identidade e Profissão.....	35

Capítulo III – VIDA REAL DE QUATRO MULATAS

3.0 Aldione Sena.....	43
3.1 Nilce Fran.....	46
3.2 Aninha Malandro.....	50
3.3 Tania Bisteka.....	52

Conclusão.....	55
----------------	----

Referências.....	57
------------------	----

Introdução

“a mulata constitui um membro da sociedade brasileira em que se espelham contradições e inconsistências sobre a maneira de nossa sociedade organiza-se. (Queiroz, 1975, P.15)

Este trabalho traz uma abordagem sobre os diversos aspectos do papel da mulher negra, em particular a figura da “mulata show / exportação”¹, num corpo político, de representação histórica e cultural do Brasil. Tendo em vista a complexidade do assunto que se debruça sobre os estudos e análises dos contextos históricos em geral e histórias sociais, o trabalho busca, num primeiro momento, fazer uma relação direta entre o passado, período referente ao Brasil Colônia e os períodos mais recentes, a fim de facilitar a compreensão da narrativa desta monografia.

Ao buscar justificativas para relacionar a história da formação racial do Brasil, propriamente dita, ao surgimento da mulata profissional, foi necessário o aprofundamento da pesquisa, requisitando livros, teses, textos de autores, ensaístas, professores, sociólogos, pesquisadores, além de documentários e entrevistas.

O termo “mulata” é desmembrado para evidenciar a terminologia, a construção epistemológica e a ressignificação conceitual que ocorreu ao longo dos séculos do uso da palavra. Como e para quem foram direcionados a palavra mulata? Quais formas, intenções e valores são agregados a esta figura? São perguntas que norteiam o desenvolvimento desta monografia.

Em se tratando de uma pesquisa, de âmbito mais acadêmico, a leitura do livro *Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura Brasileira* do autor Teófilo de Queiroz Júnior² contribuiu para a contextualização e a problemática da mulher negra escravizada e sua relação com o homem branco colonizador. Também faz uma breve exibição da relação da mulher indígena em triangulação ao colono e a Igreja Cristã, na execução do projeto de invasão, dominação e domesticação sexual por alienação religiosa e política. O exercício de exploração da obra de Queiroz para este trabalho tem como finalidade principal extrair os meandros da construção moral e conceituação estética da mulher negra e miscigenada. O livro tem como objetivo demonstrar o racismo na produção literária brasileira que se estabelece com grande sucesso e

¹ “Mulata Exportação” termo criado pelo empresário de show brasileiro e Mulatólogo Oswaldo Sargentelli.

² Teófilo de Queiroz Júnior, Sociólogo e Professor titular da Universidade de São Paulo.

adesão por um longo período e ainda tem seus reflexos negativos atualmente, contudo, este universo da literatura migra para música, para a teledramaturgia e desemboca nos palcos dos shows brasileiros. Pela relevância das informações de embasamento histórico, a leitura de Queiroz serve de preâmbulo para a produção deste texto.

Ainda na contextualização do tema proposto foi importante anexar os ditos e estudos sobre mestiçagem numa atmosfera mais ampla e Kabengele Munanga ³no livro *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil – Identidade nacional versus identidade negra*, emoldura diversos estudiosos do assunto e promove debates e reflexões sobre racismo como projeto de identidade nacional, cruzando uma longa linha do tempo, permitindo uma viagem na estruturação dos conceitos de raça que operam nos dias atuais, tanto no Brasil, quanto em toda América Latina. Na seleção dos mais importantes estudos deste livro para o uso neste trabalho, destaca-se o confronto das teses de Nina Rodrigues, Silvio Romero, Euclides da Cunha, João Batista Lacerda e Oliveira Viana. Entretanto, nenhum desses autores enfatizam a importância da mulher negra e nem seus dilemas para gestar o cidadão tipicamente brasileiro que todos eles almejam. Na contramão dos autores citados acima, Munanga traz Abdias do Nascimento, que contribui com textos e dizeres antirracistas e um olhar apurado para as questões da mulher negra e consecutivamente da Mulata.

Reforçando a ala feminina da estrutura desta monografia, Lélia Gonzales é a autora que deposita neste trabalho as atualizações e redefinições de narrativas negras para contemporaneidade enriquecendo o debate sobre conceito e contextualização do tema. Embora a autora tenha uma vasta produção textual e excelentes trabalhos com recorte racial e feminismo negro, a obra da qual se espelha aqui é a intitulada *Por um feminismo afro-latino-americano – ensaios, intervenções e diálogos* (1988). Numa parte crucial deste livro, Lélia Gonzales relata a experiência da militância do Movimento Negro Unificado⁴, dos seus atravessamentos nos encontros e congressos nacionais e internacionais, cujo assunto era o negro como questão central, mas ela enfatiza o sexismo em diferentes ambientes e dimensões e atualiza as definições de mulher preta e mulata num cenário brasileiro e Latino-Americano e estadunidense.

³ Kabengele Munanga, Antropólogo e Professor da Universidade de São Paulo.

⁴ Movimento Negro Unificado (MNU), organização brasileira que luta por igualdade de direitos e oportunidade para população negra. Fundada em 1978, por Milton Barbosa e Eduardo de Oliveira em São Paulo, mas atualmente atua em todo território nacional.

Lélia constrói uma visão da mulher negra e o carnaval que serve como rito de passagem deste trabalho para o que é o objeto principal, a Mulata Show/Exportação.

O mito que se trata de reencenar aqui é o da democracia racial. E é justamente no momento do *rito* carnavalesco que o *mito* é atualizado com toda a sua força simbólica. E é nesse instante que a mulher negra se transforma única e exclusivamente na rainha, na “mulata deusa do meu samba”, “que passa com graça/ fazendo pirraça/ fingindo inocente/ tirando o sossego da gente” (Gonzales, 1988, p. 65-66)

Avançando no desenvolvimento deste documento, foi necessário trazer alguns textos mais atualizados com percepção feminina sobre o assunto. Sendo assim, para ampliar o debate e dar um contorno em outras searas políticas, o artigo com título *A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas*, da Professora Mariana Salister Gomes, publicado pela Revista Eletrônica de Turismo Cultural em 2010, faz uma análise de como marketing turístico brasileiro opera com o imaginário social, utilizando-se da mulata show como um produto essencialmente brasileiro, construindo e desconstruindo, desde 1930, esta política de identidade nacional e democracia racial. A autora trabalha a teoria da construção discursiva (FOUCAUT, 2004, 2008) e mergulha no universo das propagandas desde a criação da EMBRATUR⁵ e da CNTUR⁶.

Na revista *Tensões Mundiais*, o artigo *Mulatas; nem brancas, nem negras, nem humanas*, das autoras Lindidalva Correia Rodrigues e Vlândia Maria de Moura Soares, traça uma perspectiva mais radical do ponto de vista da Mulata Show. Elas especificam e conceituam a exibição da mulata como algo remanescente de uma cultura colonialista e racista, entretanto há uma tendência em culpabilizar ou responsabilizar estas mulheres por perpetuar uma visão sexista e racista. Vale citar que Lindidalva é promotora de Justiça do Ministério Público do Mato Grosso e Vlândia é professora da graduação e pós-graduação da Faculdade de Direito da UFMT. O texto segue uma tendência de referir ao sudeste e mais especificamente o Rio de Janeiro como produtor da idealização e objetificação da mulher negra brasileira. O

⁵ EMBRATUR – Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo. Serviço Social autônomo vinculado ao Ministério do Turismo do Brasil que tem como função promover o turismo brasileiro no exterior, atraindo visitantes internacionais e fortalecendo a economia do país.

⁶ CNTUR – Confederação Nacional do Turismo. Entidade sindical patronal de 3º grau representante do setor de turismo no Brasil, formada por diretores e conselheiros que atuam na defesa do Turismo Brasileiro.

artigo tem caráter jurídico, então ele exhibe dados e estatísticas sobre violência e perspectiva de vida da mulher negra, sem recorte para o conceito de colorismo.

É importante citar, que muitas fontes e das mais diversas formas foram vistas, lidas, analisadas, examinadas, algumas contribuem mais, outras menos para construção do trabalho, todavia, as participações ativas da Aldione Senna, Nilce Fran, Aninha Malandro e Bisteka da Mangueira, formam o pilar de sustentação da Monografia. Suas vivências, experiências e insurgências para um contexto sociopolítico previamente instituído sobre seus corpos é o ponto crucial do que se refere à conclusão e à diferença deste material, mediante a outros artigos já lidos sobre o tema. A forma como conduziram suas carreiras e suas vidas particulares em confronto com a teoria e a historiografia do corpo negro mulato do Brasil, revela em fontes orais, a transformação ou transfiguração dos conceitos da mulata idealizada como identidade nacional para a mulata profissional da cultura brasileira. A importância das suas contribuições para este trabalho é também mostrar que a história dessas transformações e redefinições de conceitos está sendo operada por elas e por tantas outras que ainda atuam na cultura brasileira, tanto em território nacional, como internacional.

Para concluir, esta monografia visa ser uma contribuição para os estudos realizados nos temas com recorte de raça e gênero, sobretudo trazendo à luz na produção textual, personagens e suas experiências de vida pessoal e profissional como “mulata show/ exportação”.

BRASIL, PROJETOS E TEORIAS DA MISCEGENAÇÃO

Capítulo 1

1.0 Indígena x Moura Encantada

A fim de aprofundar a pesquisa sobre a figura da Mulata como personagem de um corpo político, torna-se importante mergulhar nas teses e nos autores que se debruçaram sobre o tema Raça e Miscigenação, em especial alguns ensaístas do período colônia, autores dos séculos XX e XXI. Os escritos analisados têm como objetivo criar justificativas para o surgimento da Mulata a partir do fator biológico e outros contribuem com fatores culturais e políticos. De fato, a maioria das narrativas dos séculos que correspondem a escravidão, foram tecidas com olhares de cunho discriminatório sobre população negra e indígena, tendo em vista que estes autores eram homens branco interessados em projetar o perfil de um povo brasileiro com preponderância genética e cultural eurocêntrica. Já nos períodos próximos a abolição e republicano, foram surgindo novas narrativas que contrariavam ideias conservadoras, ao mesmo tempo que cresciam os eugenistas⁷ dando um tom forte ao racismo calcado na medicina e na ciência.

De meados do século XX até os dias de hoje, muitos estudiosos do tema de Raça e Miscigenação ganharam força dentro e fora do Brasil. A inserção de pesquisadores negros, sobretudo mulheres negras no ramo, faz surgir narrativas com perspectivas e olhares diferentes, sustentando pesquisas e estudos sobre a formação do povo brasileiro de maneira mais crítica e realista. A importância da participação destes autores e autoras, como Abdias do Nascimento, Lélia Gonzales entre outros, é fazer enxergar as verdadeiras intenções dos projetos de miscigenação, arianização e democracia racial como plano político que atinge diretamente a uma parcela da população que não vê, nos dias de hoje, o racismo de maneira clara.

O livro *Preconceito de Cor e a Mulata na Literatura* do professor de Sociologia da USP, Teófilo de Queiroz Júnior, traz importantes contribuições para esta pesquisa, embora o livro se dedique a elaborar uma crítica às obras literárias que configuram as Mulatas como personagens que reforçam os clichês pejorativos. Todavia, é

⁷ Eugenismo – teoria que buscava o aprimoramento da qualidade genética humana, por meio de práticas seletivas, como a esterilização forçada, o controle de natalidade e a seleção de parceiros. Tem como principal influência teoria de Charles Darwin, a seleção natural.

necessário voltarmos no tempo e destacar, segundo Queiroz, que o século XVI era marcado por um anti-feminismo disseminado em toda a Europa Cristã, submetendo as mulheres europeias a preceitos de uma rígida criação moral e uma vida de obediência, com a justificativa de que elas eram vítimas em potencial do Satanismo. Com esta mentalidade é que o homem europeu chega à América e o que há de pensar das mulheres nativas? Esta resposta parece ser evidente, contudo, vale analisar as consequências e os mecanismos utilizados pelos colonos para pôr em prática, o que podemos dizer que foi a primeira fase do projeto que almejava a arianização das Américas espanholas e portuguesas.

De fato, o homem branco despertou interesse sexual pela mulher indígena e em muitos casos se criaram relações matrimoniais. O autor indaga que um dos fatores principais para a relação entre colonizadores e indígenas se dá, primeiro, pela permissão da Igreja com a chamada cristianização dos gentios, ou seja, a manipulação da cultura indígena para enquadramento aos moldes euro-cristãos, sendo incluso a apropriação de seus corpos para o trabalho e conseqüentemente, a relação sexual como parte das tarefas.

Outro dado que contribui para esta situação era o fato de que primeira fase da colonização, poucas mulheres brancas haviam embarcado para o Brasil, resultando num coeficiente bem inferior ao de homens brancos desembarcados. O número de matrimônios era considerado insuficiente para um projeto de colonização. O que o homem branco europeu pensou sobre a mulher indígena, respondendo à pergunta feita acima, tem a ver com a nudez e ou seminudez, que era considerada uma provocação e um convite a satisfazer seus desejos sexuais com a desculpa de que despertava seus instintos incontroláveis e irresistíveis, características que tornavam os homens vítimas de suas próprias fraquezas. Tal pensamento sustentou uma política de violência contra as mulheres indígenas, tais como sequestros e estupros quando as relações não eram consentidas.

Nas ruas de Portugal circulavam mulheres não europeias que eram denominadas “Mouras Encantadas”, figura que foi expressamente demonizada pela Igreja para evitar uma miscigenação em meio ao território Europeu com o principal grupo étnico opositor na disputa por territórios, os Mouros. É possível que o português tenha feito uma aproximação imagética destas mulheres proibidas, “Mouras Encantadas” com as Indígenas, sendo que desta vez a oportunidade de obter seus desejos sexuais era permitida e incentivada pela Coroa e pela Igreja.

Deixara idealizado entre os portugueses a figura da moura encantada, tipo delicioso de mulher morena e dos olhos pretos envolta em misticismo sexual. Sempre de encarnado, sempre penteado os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas” (FREIRE, 1952, p. 103)

Embora, tal experimento tenha sustentado uma primeira ideia de arianização dos nativos para transfiguração com grande diretriz ideológica cristã, pouco durou os casos de relações estáveis entre brancos e indígenas sendo os casos mais prováveis, concentrando em maior número, nas regiões norte e nordeste do Brasil. Entretanto, ficaram mais recorrentes os casos de estupros e escravidão sexual atribuídos às nativas, pois a resistência ao matrimônio ou aceitação das doutrinas sexuais impostas pelos colonos foram severamente condenadas pela chamada “Guerra Justa”, suporte jurídico instituído pela Coroa Portuguesa aplicado aos nativos que não aceitassem o processo civilizatório euro-cristão.

Os filhos dos cruzamentos entre brancos e indígenas foram denominados de mamelucos, caboclos, cariboca ou curiboca, classificados através de tipificação racial, levando em conta a variação das características físicas, como a cor da pele, a textura do cabelo, entre outras. Pode-se afirmar também que, antes do surgimento dos mulatos e outras variantes de tipificação racial, a primeira fase da miscigenação ocorre entre mulheres indígenas e homens brancos, sendo poucos os estudos que evidenciem o contrário disso, ou seja, homens indígenas e mulheres brancas, que provavelmente aconteceram em raras exceções. Com o insucesso da escravização dos Indígenas no Brasil, a lógica capitalista escravocrata passa a ambicionar o continente africano como exploração de mão de obra e conseqüentemente surge a figura da mulher negra para substituir a mulher indígena em toda dinâmica descrita anteriormente.

1.1 – Africanas x Vênus Negra

Ainda tendo Queiroz e sua obra como objeto da construção desse pensamento, a pesquisa avança numa importante explicação que poderia resumir o surgimento da mulata. Os escravizados africanos, diferente dos indígenas, já vieram como pertences do colonizador. Tal fato estabelecia uma relação clara entre um grupo escravizado e

o outro livre com plenos dispositivos que lhe asseguravam o uso irrestrito daqueles corpos, sobretudo para relações sexuais e exclusividade matrimonial. Esse panorama tornava as mulheres negras escravizadas completamente indefesas, pois estavam desprovidas de conhecimento sobre as terras para as quais foram levadas, além de distanciadas de seus grupos familiares. Proporcionar satisfação sexual aos seus senhores era uma função regular na vida de uma escravizada, seja ela dos casarões dos senhores ou da senzala.

Quando os africanos escravizados foram trazidos ao Brasil, por voltas dos anos de 1535, já havia um número considerável de mulheres brancas, mesmo assim, este fator não impediu a hábito da poligamia, pois desde as relações com indígenas esta prática já estava se impregnando como parte do processo de povoamento incentivado pela Coroa Portuguesa. O enlace de raças e de culturas caminhava como uma política pública de colonização, contudo a Igreja se esforçou para manter uma certa moral cristã, estabelecendo que as uniões matrimoniais interétnicas só poderiam ocorrer em caso de extrema necessidade e que com o aumento da circulação de mulheres brancas no Brasil, deveria ser exclusivo o casamento de homens brancos e mulheres brancas.

As mulheres negras logo foram associadas à Vênus Negra⁸ numa alusão a deusa Vênus da mitologia grega, ligada ao amor. Tal referência tinha a intensão de estabelecer uma relação com a rejeição dos cristãos à cultura pagã, neste caso a própria mitologia grega. Esta simbologia enfatizava as diferenças dos conceitos de beleza, virtude e moralidade na concepção da Igreja e foi usada a fim de justificar a proibição do matrimônio entre homens brancos e mulheres negras. Ainda não eram tão expressivos ou minimamente notificado os cruzamentos entre homens negros e mulheres brancas, configurando a existência de domínio e privilégio do homem europeu.

Assim como no caso das indígenas também operava sobre a mulher negra o estigma da amoralidade e aos senhores a lógica machista da irresistibilidade, que era usada como plataforma para justificar impulsões extraconjugais masculinas, sem que manchassem a moral desses homens. O autor Emílio Willems⁹ destaca uma

⁸ Vênus Negra, também se refere à história de Saartjie Baartman, uma mulher negra sul-africana da etnia khoisan que foi exibida na Europa no século XIX por considerarem exótica a sua aparência física. Ficou conhecida como “Vênus Hotentote” e foi objetificada a partir de servir para pesquisas científicas e apreciação popular.

⁹ Emílio Willems, sociólogo e antropólogo alemão radicado no Brasil e, sucessivamente, nos EUA.

importante observação que consiste em analisar a sociedade constelada tradicionalmente na virilidade masculina em simetria com a virgindade feminina branca, acrescentando o fato de que o homem sempre foi estimulado à experiências sexuais antes do casamento e seria da escravizada o corpo desta experimentação. A chave desta observação de Willems é evidenciar um aspecto da dominação sexual escrava para usufruto da exploração de corpos negros femininos, a fim de preservar a castidade das mulheres brancas solteiras para que possam ser dignas do matrimônio sem quebrar os paradigmas cristãos em relação a patrimônio. É certo afirmar que num Brasil que ainda era de maioria provinciana e rural escravocrata, poucos eram os casos de recorrência à prostituição, somente tendo esta forma nas imediações de cidades com sedes da Monarquia, em especial o Rio de Janeiro.

1.2 – O nascimento da Mulata

Com os constantes intercursos, provenientes dos abusos sexuais, relações matrimoniais e extraconjugais interétnicas o Brasil foi se miscigenando criando subclassificações raciais, sendo entrecortado em indígenas, brancos, pretos, pardos ou mestiços (ascendências mistas). Levando em consideração as origens e seus cruzamentos os filhos pardos ou mestiços são subcategorizados em:

- Caboclo ou mameluco: brancos x indígenas
- Mulato: pretos x brancos
- Cafuzo ou zambo: indígenas x brancos

E assim nasce a mulata, a figura central deste trabalho. Todo o texto de ambientação dos subcapítulos anteriores serve para embasar a atmosfera racista estrutural que vai desencadear no preconceito agregado à figura da mulata. Foi necessária uma volta aos primórdios da história do Brasil, nas dimensões das primeiras configurações de formação do “povo”, para seguir com o debate.

Para estas mulheres mestiças foi referido os conceitos de hibridismo e exotismo, seguido de atribuições como um corpo que se caracteriza por estar em transição cromática entre branco e o negro. Todavia considera-se que a mulata tivesse privilégios por não sofrer “desvantagens estéticas” que constam no corpo da mulher preta, sendo assim, ao contrário, ela tinha um certo colorido subtonado na

pele, traços próximos das mulheres brancas, ou seja, afinados, tais como nariz e boca, contudo, mantendo as curvaturas das quais os brancos apreciavam nas mulheres pretas. A reunião dessas peculiaridades de brancas e pretas, a mulata acaba se destacando, na visão dos europeus e brancos brasileiros como uma espécie de beleza *sui generis*. Alvo da cobiça pela beleza e atrativos sexuais, estas mulheres foram forçadas ao comportamento lascivo e domesticável, sem perder de vista a política de dominação e escravidão.

Queiroz tem como ponto de partida deste pensamento preconceituoso o literário Gregório de Matos¹⁰ que na sua obra refere-se à mulata de maneira altamente negativa e agressiva. Gregório inaugura a presença da mulata nas obras literárias no século XVII, quando a literatura dava seus primeiros passos e muito irregulares. No poema “A morena, descendo o rio, em uma canoa” reforça a imagem objetificada e hiper sexualizada da mulata. Outros poetas do período colonial vão ao encontro a esta concepção, tais como Santa Rita Durão¹¹ e Basílio da Gama¹² que empregam em suas obras a imagem de mulheres mestiças no mesmo bojo que Gregório de Matos. Estas obras são evidências de como na época o ambiente era dominado com este preconceito ramificado em diversas dimensões da sociedade colonial.

Eram numerosos os casos cujo senhor preferia as escravas mulatas para que servissem em suas casas, do que as mulheres pretas. Também era fato que em muitos casos, os homens as sufocavam com a ideia de exploração sexual e perdiam o interesse em suas esposas brancas. Outro dado, em menor proporção, mas não menos importante era o fator “amor lésbico”, constatado entre as escravizadas mestiças e suas senhoras, ainda que em alguns casos não passavam da prática do cafuné que não consistia na troca de fluidos sexuais conservando a tal moral social e cristã. Outro fato que nos ajuda a vislumbrar a montagem dos arquétipos modernos e contemporâneos das mulatas, era a prática que seus senhores as vestiam de trajes vistosos e adornavam com enfeites em ouro e pedras preciosas para afirmar o lugar privilegiado das mulatas em relação às demais escravizadas e para promover um certo marketing de ostentação em relação à condição financeira de sucesso dos seus

¹⁰ Gregório de Matos e Guerra, alcunhado de Boca do Inferno ou Boca de Brasa, advogado e poeta do Brasil Colônia.

¹¹ Frei José de Santa Rita Durão, religioso agostiniano e indianista do Brasil colonial. Poeta e orador com carreira no Brasil e Portugal.

¹² José Basílio da Gama, poeta luso-brasileiro, patrono da cadeira n. 4 da Academia Brasileira de Letras. Foi um dos principais expoentes do iluminismo no Brasil.

empreendimentos. Tal prática, foi condenada por muitos adversários e gerou uma Ordem Régia, vinda de Portugal em 1696, que consistia na proibição de escravas usarem tais trajes e enfeites.

Por outro lado, a contar pelo ambiente caótico ao qual a mulata foi submetida, muitas mulheres se utilizaram da situação a seu favor, a fim de evitar o sofrimento das penas que lhes eram reservadas caso as ordens do senhor não fossem acatadas. Da ida para o trabalho forçado nas lavouras às severas punições das mais variadas violências, elas tentavam se manter no que parecia ser uma posição privilegiada, tendo em vista os demais escravizados. Então, o corpo era uma moeda de troca na luta pela sobrevivência, assim como a superprodução do café era para escravizados das lavouras. Ou seja, a escravidão submetia negras e mestiças a uma entrega total, com a diferença do uso do físico para cada função. Havia as possibilidades de obtenção da liberdade, por meio dos matrimônios, compra da alforria das somas de presentes e furtos aos seus senhores e senhoras, ou, mesmo por fugas.

Sendo os mestiços, filhos de brancos e pretos, de alguma forma em geral, tinham uma estima diferente dos pretos. Muitas vezes considerados bastados, havia uma maior possibilidade de proteção através da ocupação de cargos mais elevados, como capatazes, fiscais de produção, mensageiros e às vezes acesso aos estudos. No caso das mestiças essa situação era menos provável, mas elas cuidavam das senhoras, dos filhos das senhoras, da cozinha, das compras, da limpeza e quando eram sexualmente usadas, muitas vezes eram poupadas de serviços mais pesados caso caísse no gosto de seus senhores.

Os serviços com esta dinâmica doméstica e administrativa, eram confiados aos mulatos e mulatas, por conta de que se acreditava que eram indivíduos mais evoluídos intelectualmente do que os pretos puros. Esta lógica darwinista¹³ estava em constante confabulação entre os estudiosos e ensaístas, tanto brasileiros como europeus. Foi reservado ao próximo subcapítulo uma breve exposição sobre este tema, requisitando algumas teses e estudos de parte de alguns dos mais importantes autores que escreveram sobre raça e mestiçagem no Brasil.

¹³ Darwinismo social, teoria que aplicava os princípios da seleção natural de Charles Darwin à sociedade humana, argumentando que a “sobrevivência do mais apto” se aplicava também às relações sociais e à competição entre indivíduos e grupos. Essa ideia foi usada para justificar desigualdades sociais, racismo e imperialismo no século XIX e início do século XX.

1.3 – O debate sobre Mestiçagem

No Brasil os debates sobre Mestiçagem foram mobilizados com mais veemência a partir do século XIX com a participação de médicos, antropólogos, eugenistas e até viajantes estrangeiros. Foram produzidos ensaios, teses, teorias, estudos, em via de regras, tais materiais explicitavam visões negativas dos efeitos dos cruzamentos entre raças. Alguns poucos valorizavam a figura do mestiço, atribuindo-o como elemento da identidade e cultura nacional. Porém os vultos mais fortes no início desta discussão era relacioná-los a degenerescência na formação biológica e social brasileira e outra vertente com alguns outros defensores era o possível branqueamento desta população em gerações posteriores, apoiados fortemente pela ciência.

O livro, *Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil*, do antropólogo Kabengele Munanga, reúne muitos desses estudiosos e teóricos. O livro tem extrema importância para dimensionar a linha de raciocínio de cada um deles e observar a disputa de narrativas sobre identidade nacional, tendo como ponto de partida os cruzamentos interétnicos. Recorrer a Munanga para a confecção deste trabalho, tem a intenção de fortalecer a fundamentação do debate teórico sobre a mulata, tema que parece ser simples, se não levarmos em consideração o histórico a partir da própria etimologia do termo “mulato”. Em qualquer pesquisa feita nos dicionários desses impressos, pesquisa por Google ou outra plataforma de busca IA, podemos adquirir a seguinte informação:

Origem: O termo “mulato” vem do espanhol “mulato”, que por sua vez deriva do latim “mulus”, que significa “mula”. A Mula é um animal mamífero híbrido, originário do cruzamento entre um asno macho com a égua ou do cavalo e uma burra. (META IA, 2025)

Logo depois desta breve explicação, as plataformas e os dicionários explicam que existe um uso histórico/ cultural para se referir às pessoas de ascendência mistas do cruzamento entre brancos e negros e num contexto mais ligado à história do Brasil, entre “europeus e africanos”. Todavia, essa justificativa tem seus precursores e houve quem usou isso de base para sustentar suas narrativas.

No arcabouço do livro de Munanga, interessa trazer à luz a teoria de Silvio Romero. Romero era um franco defensor de que a mestiçagem era um estágio permanente de transição entre a mistura e a definição de raça brasileira com preponderância de características brancas. Ele apostava que em dois ou três séculos o processo de fusão das três raças fosse concluído em todo o Brasil. Segundo Romero, o brasileiro do século XIX era mestiço, que aos poucos teria seu sangue higienizado e até que ainda os pensamentos fossem de mestiço, ou seja, boçal, não restava dúvidas que ambas as situações seriam sanadas e o brasileiro seria uma raça mestiça, porém, bem caracterizada. É certo dizer que as mulatas e pretas africanas eram figuras fundamentais nesta tese, pois em média os homens brancos teriam numericamente mais relações sexuais com elas. Explica-se o fato porque em meados do século XIX os indígenas já não eram mais escravizados por lei. A lei veio como umas das medidas do pacote da Reforma Pombalina¹⁴, vigente desde 1755, sendo essa a primeira fase que corresponde aos Estados do Grão-Pará e Maranhão, e em 1758, na segunda fase, um alvará estende a lei para todo o Brasil. Restaram para as mulatas e as africanas a responsabilidade na formação da tal sociedade mestiça bem caracterizada, já que ainda eram escravizadas.

Mas Romero não credibilizava de maneira homogênea e ou positiva a mistura, se não houvesse o homem branco, pois para ele viria do branco o fator mais importante para o que ele define como “bem caracterizado”. Sendo assim, ele considerava uma grande aposta a vinda de europeus para contribuir positivamente no processo de desenvolvimento do mestiço e na transição para nação branca. O determinismo biológico¹⁵ foi usado para descrever as características aferidas a cada raça, o branco sempre com a vantagem de um ser com uma intelectualidade e cultura avançada e o indígena e o negro em desvantagem, só levando em consideração a força física e da ligação com a ancestralidade.

Nina Rodrigues afirmava que a mistura entre as três raças teria como resultado um povo degradado. Sua narrativa estava calcada na tese de que as características intelectuais, comportamentais, morais que cada raça carrega seriam degeneradas de

¹⁴ Reforma Pombalina, conjunto de medidas implementadas pelo Marquês de Pombal, ministro do rei D. José I, entre 1750 e 1777, visando modernizar Portugal e suas colônias, especialmente o Brasil, através de reformas políticas, administrativas, econômicas, sociais e educacionais.

¹⁵ Determinismo Biológico, corrente de pensamento que defende que as características e comportamentos humanos são determinados principalmente por fatores biológicos, como a genética e a fisiologia, com pouca ou nenhuma influência do ambiente ou da nenhuma influência do ambiente ou da cultura. Em outras palavras, ele sugere que nossos genes e nossa biologia moldam quem somos e como agimos.

tal modo que só restariam como herança para os mestiços as características mais negativas. O uso do determinismo racial, nos escritos de Nina Rodrigues norteavam uma linha raciocínio completamente preconceituosa.

Médico e antropólogo, Nina Rodrigues abusava dos termos e ideias racistas e evolucionistas, muito comum no século XIX, para classificar cada raça. Relacionava aos indígenas a selvageria e incivilidade, aos negros a inferioridade intelectual e o atraso e para a raça branca a superioridade sobre as demais, por julgar que os europeus seriam avançados e civilizados. Insistia na tese que tais características inatas resultam num comportamento social, o qual deveria ser levado em conta pela polícia, juízes e legisladores, ou seja, implicaria num código penal diferente para indígenas e negros, sendo assim, mais duro e severo.

Embora estimasse seu apreço por brancos, todavia afirmava que os primeiros portugueses que desembarcaram no Brasil vieram de classes populares, considerando que estes indivíduos não eram de uma boa estirpe e nem de boa índole. Se os primeiros portugueses que vieram para essas terras, tiveram suas relações com mulheres indígenas e mais tarde com mulheres negras escravizadas, de certo neste primeiro extrato geracional dos cruzamentos interétnicos eram completamente comprometidos com degenerescência, assim insinua Nina Rodrigues. Como médico, ele explora a perspectiva de que os mestiços com o passar do tempo e em algumas exceções, passaram por um processo do Atavismo¹⁶. Assim justificaria o reaparecimento de características positivas, tais como bons comportamentos ou traços físicos, certamente adquiridos por herança genética da raça branca. Utilizava deste artifício de cunho biológico para abrandar penas referidas aos mestiços com essas características. Então ele opera uma classificação entre os mestiços, dividindo-os em três categorias:

- Mestiço tipo superior: totalmente responsável;
- Mestiço degenerado: parcial ou totalmente irresponsável;
- Mestiço instável: Igual ao negro e ao indígena.

Contudo, este raciocínio não apresentava critérios e nem fundamentação, nem indicava quem iria analisar essa diferenciação racial. Nina deixava claro que em seu pensamento o Brasil jamais produziria mestiços feitos como os brancos, com sua cor

¹⁶ Atavismo: termo que se refere ao reaparecimento de características, traços ancestrais ou herança genética em um indivíduo ou grupo, após terem sido ausentes por uma ou mais gerações

e nem menos com a sua relevância intelectual. “*O negro é inferior ao branco, não apenas por suas condições sociais e culturais, mas também por sua condição biológica.*” (RODRIGUES, 1932, p. 12)

Ainda para a exibição dos estudos sobre conceitos de raça e mestiçagem, a pesquisa chega a Euclides da Cunha¹⁷, um dos ensaístas que se destaca no livro de Munanga. Euclides traz uma terceira abordagem que em alguns aspectos se difere dos estudos produzidos por Nina Rodrigues e Silvio Romero. Em seu ensaio sobre mestiçagem, ele enfatiza que o mestiço apresenta um desequilíbrio na sua formação congênita. Sua justificativa também se pauta pela união das raças cujo resultado teria gerado um ser menos potente de energia ancestral, de força física e déficit de intelectualidade. É certo dizer que Euclides aposta que os negros, indígenas e brancos trazem diferentes contribuições para formação genética do mestiço e que igual aos demais ensaístas privilegiam a raça branca como grupo geneticamente provido de características positivas. Porém, se diferencia ao afirmar que os mestiços criados no interior, ou seja, norte e nordeste do Brasil, isolados da presença dos negros, já constituíam uma raça mestiça com mais possibilidades de chegar a uma condição de intelectualidade próxima ao que se equivale, segundo estes ensaístas, a da raça branca. Outro dado importante desta observação, é que, as raças envolvidas nesse proeminente grupo mestiço, são os indígenas e os brancos, que constituiriam então os mestiços do sertão, que de certa forma, se constituem da não presença de negros, que estão em geral, mais próximos do litoral.

Requisitando Oliveira Viana¹⁸ para este trabalho é reforçar que, nas teorias raciais do XIX também havia um debate, defendido por ele, sobre a classificação de mulatos e mulatas em duas esferas, inferiores e superiores. Inferiores seriam os indivíduos incapazes de ascender na sociedade e renegado às classes mais baixas, já os superiores, considerava que pudessem ser arianizados, contudo, compreendendo que fossem por aspectos morais e intelectuais. Aos mulatos e mulatas superiores ainda existia a possibilidade que pelo tom da pele mais clara, poderiam dissimular ou se misturar aos brancos originais, chegando a ajudá-los em tarefas administrativas, ocupando lugares na aristocracia brasileira e conquistando

¹⁷ Euclides da Cunha, escritor, jornalista e engenheiro brasileiro do XIX. Conhecido por escrever o livro “Os Sertões.

¹⁸ Oliveira Viana ou José de Oliveira Viana. Jurista, historiador, sociólogo e pensador do século XX. Influenciou muitos intelectuais brasileiros com suas reflexões e debates sobre a identidade nacional e desenvolvimento

título de terras. Todavia, estes indivíduos privilegiados por seus fenótipos semelhantes à raça ariana, deveriam fugir de hábitos e de ambientes dos seus genitores negros.

Viana tem no atavismo, assim como Nina Rodrigues, a base de suas indagações, mas na sua estimativa tanto o aparecimento de características negativas ou positivas, são evidenciadas a partir do fenótipo do indivíduo. São consideradas as aparências físicas como traços negroides e caucasoides para classificar o grau entre degeneração e intelectualidade, indecência e moralidade, psiquicamente descontrolados e harmoniosos, violento e legal, entre tantas outras dicotomias que Viana cria uma escala através da Fisiologia. Viana reconhece um Brasil de diversidade étnica, mas através da construção de uma ideologia racial.

Cabe para finalizar esta etapa, dar uma nota à participação de João Baptista de Lacerda, médico, cientista e diretor do Museu Nacional, entre 1895 e 1915. Embora tenha sua grande importância no desenvolvimento de pesquisas no campo da medicina no Brasil, como as que resultaram em melhorias no tratamento de diversas doenças e seu pioneirismo no campo da Medicina Tropical, seu trabalho apresentado no primeiro Congresso Universal de Raças¹⁹, organizado pela Universidade de Londres em 1911, traça um panorama que relativiza aspectos de diferenças entre mestiços e negros.

O trabalho, intitulado de *The métis, or half-breeds, of Brazil (O mestiço ou os mestiços do Brasil)*, apresentado nesta ocasião para mais de 50 países da Europa, Américas do Sul e Norte, África e Ásia, trazia um argumento de que os negros eram mais potentes na produção agrícola, além de apresentar mais resistências às doenças em contraponto ao mestiço que exibia maior força física e uma certa intelectualidade acima dos níveis apresentados por negros. Vale ressaltar que João Baptista de Lacerda não compactuava com a ideia de que seres humanos, por qualquer que seja, pudessem ser comparado ao hibridismo de misturas de raças animais. Mesmo que fizesse essas comparações qualitativas entre raças, ele afirmava que mestiços estavam acima das habilidades apresentadas por negros e indígenas.

O mestiço é, pois, um produto complexo, em que entram elementos diversos, e que, pela seleção, se pode fixar em tipos novos, mais fortes e mais aptos do que aqueles que lhe deram origem.” LACERDA, 1911.

¹⁹ 1º Congresso Universal de Raças, realizado em Londres, 1911, pela Universidade de Londres. Tinha como objetivo discutir relações entre povos do Ocidente e do Oriente, e abordar questões raciais e conflitos nacionais.

Sobre casamentos inter-raciais, destacou em seu trabalho que as relações entre mulatas e brancos deveriam ocorrer com mais tolerância para que o Brasil apresentasse em um século, ou seja, aproximadamente em 2011, um país completamente arianizado. Amante da Atavismo e da Eugenia, João Baptista de Lacerda apresentou ao mundo, uma perspectiva de branqueamento do Brasil, através do estímulo a relações sexuais inter-raciais com brancos, na esperança de que para além de um povo de pele alva, as características morais, éticas, físicas e intelectuais dos futuros filhos e filhas, de sucessivas gerações, fossem preponderantemente ou completamente europeias em meio a América Latina.

Vale destacar que neste congresso o Brasil também foi representado por Edgard Roquette- Pinto²⁰, que se contrapõe às teorias racistas da época e tinha uma visão mais voltada para a miscigenação como uma forma positiva da fixação de um perfil de população brasileira. Totalmente contra o determinismo racial e as teorias evolucionistas²¹, escrevia sobre temas sociais e o quanto a educação e as condições de saúde poderiam ter influência na formação do povo brasileiro. Seu pensamento era crítico das convicções de inferioridade das raças negras, indígenas e mestiças, botando em pauta um projeto de nacionalização de todos os extratos raciais.

Para melhor compreensão deste capítulo é relevante afirmar que o século XIX é marcado por ser o período das teorias e teses raciais. As formulações e subclassificações étnicas culminaram no surgimento da mulata, trazendo questões que se dividem e emanam por toda América Latina e em especial no Brasil, plataforma de exploração deste trabalho. Diferente dos demais países da América, nos Estados Unidos, o mestiço oriundo do cruzamento entre brancos e negros, são considerados negros, não existe outro extrato ou subcategoria racial. Na América Latina e no Brasil, muitas subdivisões foram criadas, assim como já foi demonstrado em páginas anteriores. Na América Latina como um todo, destaca-se o fato da existência de um projeto político e capitalista em categorizar as raças, estimando que os valores morais

²⁰ Roquette-Pinto. Médico, antropólogo, escritor. Pioneiro na radiodifusão educativa no Brasil, também atuou no cinema educativo, sendo importante figura na história cultural do Brasil.

²¹ Teoria Evolucionista ou teoria da evolução, tem como principal criador Charles Robert Darwin. No livro “A Origem das Espécie” de 1859, ele escreve uma proposição sobre a seleção natural, mecanismo pelo qual as espécies evoluem. O Darwinismo foi uma grande influência para alguns autores escreverem teorias e estudos raciais no século XIX e início do século XX.

atribuídos a elas estão intimamente ligados à sua produtividade e a capacidade ou não de gerar riquezas para os dominadores.

Os fatores que diferem das demais nações e dão ênfase ao Brasil, são: insubmissão e o genocídio indígena; escravização em enorme escala da população negra vindo de diversos territórios africanos; e o duradouro período de escravidão. Foram 300 anos em que todas as possíveis formas de exploração do corpo negro estavam em voga, por direito adquirido em lei, entre o início do período do tráfico negreiro, passando pelo domínio do império português até o estabelecimento da abolição da escravatura.

As teorias raciais revezaram suas preocupações e esperanças na fatídica formação de uma nação brasileira composta de misturas étnicas apesar de algumas apostarem no desaparecimento, em vias de regras, da raça negra em todo território nacional. Mas o trabalho visa reforçar o protagonismo da mulher negra e conseqüentemente da mulata como personagens que embasaram as teorias e os estudos elaborados, tendo em vista que de seus ventres nasceram muitos dos indivíduos que foram analisados. Não se pode pensar o projeto de miscigenação e construção da sociedade brasileira sem posicionar a mulata num papel de extrema importância, embora sobre elas pesaram, historicamente, as insinuações negativas sobre moralidade, intelectualidade, objetificação, erotismo e tentativa de descolar essas mulheres de sua ancestralidade e origem étnica, reservando-as a seres híbridos, transitórios e fadadas ao apagamento.

Este capítulo tem a importância de fornecer peças para o quebra-cabeça sobre as principais teorias que implicaram nas diversas formas que o preconceito age sob a figura da mulata profissional. Muitos destas teses e estudos sobrevivem entre linhas e diversas vezes até explicitamente, no tratamento dado às profissionais do show brasileiro, desde a sua contratação até a configuração do físico ideal destas mulheres para este ambiente de trabalho.

A MULATA É A TAL...

Capítulo 2

2.0 – Mulatas, são ou não são negras?

Como visto no capítulo anterior, os autores trabalhados que produziram estudos se preocuparam em destacar a figura da mestiça e conseqüentemente neste enquadramento a mulata, em pessoas não negras. A criação de subdivisões raciais deu conta de desenvolver no Brasil um preconceito ligado ao tom da pele ou fenótipo dos indivíduos.

Oliveira Viana é o que mais exhibe estes conceitos e de certo na sociedade subsequente foi o que deixou a maior herança de preconceitos ligados à figura da mulher negra, não só pelo tom da pele, mas também por não citá-la como matriarca de uma nação. Foi do abuso a mulheres negras que nascem as mulatas e depois aplica-se uma desassociação entre o que é mulher negra do que é mulher mulata. Coube a mulher negra o papel de ser originária ou primitiva da mulata e a mulata como derivado da anterior com o aprimoramento do cruzamento com o homem branco.

Para ilustrar tamanha conjugação deste pensamento, o próprio termo MULATA²² deriva-se de mula, e não é difícil encontrar nas mais variadas fontes que, mulata se refere a um ser híbrido como a mula, filha de um cavalo, que associam ao homem branco e uma jumenta, que implica, desde então a figura da mulher negra. Muitas teorias implicam num entendimento de comparação a espécies, referindo ao mestiço a qualidade animal, portanto a relação entre mula e mulata se consolida através destas reflexões. Sendo assim, a América, no pensamento de Nina Rodrigues, seria habitada por seres degenerados, nem brancos e nem negros, mas de uma mistura de completo “caos étnico”.

Entre as teorias raciais do século XIX e início do século XX, nem o homem negro ou indígena e a mulher branca são cogitados como possíveis agentes dos cruzamentos genéticos para formação de um perfil referencial de identidade nacional. O homem branco é tido como o provedor e agente preponderante para doação de material genético, características intelectuais e físicas no efeito de proliferação

²² Mulata/Mulato, vem do espanhol “Mulo”, significa “Mula”.

indivíduos mestiços. Restavam às indígenas e às negras o papel do corpo utilizado para reprodução.

No capítulo anterior, também foi destacado a substituição de indígenas por negras escravizadas, levando em conta a dificuldade de manter indígenas como escravas e depois as leis que proibiram definitivamente a escravização dos povos indígenas. Neste capítulo é importante frisar que com o surgimento de mulheres mestiças, com fenótipos mais de acordo com a aparência de mulheres europeias, o homem branco substituiu a mulher negra por esta geração. A preferência era por biotipos cujos físicos mesclassem, de maneira “harmoniosa”, características de ambas as raças, em geral as mais claras e de cabelos mais lisos entre outras características.

No século XX, surgem autores, antropólogos, ensaístas negros e não negros que vão dar outro panorama sobre as teorias raciais e o projeto que se ambicionava por trás do layout da democracia racial e definição de identidade nacional. Ainda tendo como base a supracitada obra de Munanga, ele apresenta Abdias do Nascimento como um dos mais importantes nomes para a construção de uma narrativa que se opõe e denuncia as práticas racistas e esclarece a dinâmica do racismo estrutural. Abdias realiza uma busca pelos dados históricos e os põe em comparação com a realidade vivida pela população negra do século XX.

O livro de Abdias do Nascimento, sobre o qual Munanga se debruça tem o título de “O Genocídio do Negro Brasileiro”, escrito em 1978, justamente no ano de fundação do MNU, Movimento Negro Unificado. Vale destacar que na década de 30 já havia outros grupos de luta e defesa da causa negra, como a Frente Negra Brasileira de 1931, que tinha uma organização a nível nacional. O próprio Abdias anteriormente, 1944 criou o TEN, Teatro Experimental do Negro, cujo a proposta era de valorização da cultura negra e teve um reconhecimento internacional na luta pela causa, além de lançar no cenário das artes cênicas muitos artistas negros.

Na década de 70 os movimentos sociais de combate ao racismo e luta pelos direitos sociais da população negra estavam mais latentes e articulados nacionalmente e internacionalmente. O livro de Abdias teve papel importante, inclusive por trazer a mulher negra e as questões de gênero para o debate. Ele dedica alguns capítulos para deflagrar a situação da mulher negra no processo de colonização do Brasil, explicando amiúde, como se fosse um roteiro até os dias vigentes a escrita do livro.

O Brasil herdou de Portugal a estrutura patriarcal de família e o preço dessa herança foi pago pela mulher negra, não só durante a escravidão. Ainda nos dias de hoje, a mulher negra, por causa da sua condição de pobreza, ausência de status social, e total desamparo, continua a vítima fácil, vulnerável a qualquer agressão sexual do homem branco. (NASCIMENTO, 1978, p 61)

Dentro do raciocínio deste trabalho, o que caracteriza com mais veemência a presença de Abdias é sua dedicação em unir a mulata e a mulher negra na mesma seara. Todavia, explica a política implícita nos que pregam a dissociá-las umas das outras e expõe o quanto o colorismo está impregnado na sociedade por conta disso. Era como ouvir dizer o tão antigo e racista ditado popular:

Branca pra casar,
Negra p'ra trabalhar,
Mulata p'ra fumar. (autor desconhecido)

Abdias mostra com uma escrita bem aguerrida o quão violento era a realidade dessas mulheres. Sem desfaçatez, palavras como estupro, escravidão sexual, abuso sexual, são recorrentemente citadas por ele para justificar o pensamento contemporâneo sobre o tema racismo e violência de gênero. Sendo assim, é possível enxergar a Mulata neste contexto ligada direta à prostituição, concubinato e produto nacional de exportação, resultantes das violências sexuais sofridas por mulheres negras africanas, tendo como agente das ações violadoras o homem branco, mais especificamente o português. A mulata estava na interseção dos prazeres sexuais e objeto da experiência da estratificação étnica e eugênica.

No livro, Abdias ainda descreve com base em dados de pesquisa que o “Inter casamento”, ou seja, casamentos entre negros e brancos, não eram tão expressivos como estimavam em propagandas da tal democracia racial. Democracia Racial essa que julgava ser mais propagandista do que a realidade, uma vez que havia muitas diferenças no trato social entre brancos e negros, além de que o termo acaba por omitir, apagar ou subtrair a importância das contribuições do povo negro em diversos setores da sociedade brasileira. Abdias acrescenta que as relações pessoais entre negros e brancos em muitas esferas ainda estavam cheias de resquícios coloniais da

pregação ao preconceito. O sociólogo Octavio Ianni, publicou uma pesquisa em 1972 que revela seguinte opinião dos entrevistados:

Você aprovaria o casamento do seu amigo, irmão, irmão ou de você mesmo, com um negro ou mulato? O resultado, em porcentagem, é o seguinte:

	NEGRA(O)	MULATA(O)
Não gostariam que o(a) amigo (a) casasse com	35%	29%
Não gostariam que o irmão casasse com	74%	70%
Não gostariam que a irmã casasse com	76%	72%
Ego não gostaria de casar-se com	89%	87%

Neste quadro fica evidente, que há um desnível de resultados entre negras e mulatas, ocasionados por preconceitos enraizados pela estruturação do racismo no Brasil. A pesquisa não fornece o tipo racial do entrevistado, dando a entender que há uma amplitude no público pesquisado e sendo assim, provavelmente, pessoas negras e mestiças também foram entrevistadas. Há de convir, então que mulheres negras em geral são muitas vezes desassociadas de mulatas, em virtude do fenótipo e que por seguinte são menos preteridas. E mesmo que as teorias raciais tenham sido desenvolvidas a cerca de um século antes da data da pesquisa, elas ainda exercem efeitos danosos na construção da sociedade contemporânea.

As diversas teorias raciais e os “modus operandis” da escravização de corpos negros femininos deram origem a um tipo de racismo que opera de alguma forma até entre as comunidades negras do Brasil. Lélia Gonzales tipifica como racismo por denegação ou velado e racismo a brasileira, que operam de formas sutis, porém eficazes no sentido de promover uma confusão identitária. Ainda recorrendo a pesquisa de LANNI, de certa forma muitos negros e mulatos podem ter respondido que não recomendariam o matrimônio com negras e mulatas, o que de certa forma, traz Lélia Gonzales para esta pesquisa com seus escritos dedicados ao feminismo negro.

2.1 Mulata, “usufruto” da tal democracia racial

É por aí que a gente deve entender que esse papo de que a miscigenação é prova da “democracia racial” brasileira não está com nada. Na verdade, o grande contingente de brasileiros mestiços resultou de estupro, de violentação, de manipulação sexual da escrava. Por isso existem os preconceitos e os mitos relativos à mulher negra: de que ela é “mulher fácil, de que é “boa de cama” (mito da mulata) etc. e tal. (GONZALES, 2020, p 202.)

Como podemos constatar nos capítulos anteriores, o homem branco exerceu sobre a mulher negra uma espécie de conceituação entre o fenótipo e o seu próprio interesse. O que de certa forma emoldurou imagens e formas com as quais elas acabam tendo que se enquadrar no contexto geral da sociedade. No livro “Por um feminismo afro-latino-americano” de Gonzales (2020), nos capítulos que se dedicam a questionar o papel da mulher negra e a democracia racial, a autora enfatiza a obrigação de se dedicar aos brancos nos serviços domésticos, na criação de seus filhos, a mucama, a “Mãe Preta” e a Mulata, o objeto sexual.

No século XX, a cultura afro-brasileira é capitaneada por clubes, ganham as ruas e largos, formam-se blocos carnavalescos, agremiações, escolas de samba, bailes carnavalescos, shows gafeiras etc. Gonzales considera que, além das suas relevâncias culturais, são, também, oportunidades de os brancos exercitarem seus modos senhoriais. “[...] são transadas como modernas senzalas onde os “sinhozinhos brancos vão exercitar sua dominação sexual”. (Gonzales, 2020, p. 202).

O fato de a população negra ter conquistado a liberdade por diversos mecanismos e a conjuntura política no final do século XIX não ser favorável à manutenção da escravatura, a abolição não lhes garantiu o direito a uma reforma social de verdade. Essa fala justifica a informalidade com que a população negra teve que lidar com o mundo liberto das correntes, mas cheio de amarras em relação a trabalho e à própria sobrevivência. A mulata revestida de todas as insígnias morais que lhes impuseram teve um caminho, visto como provável, nos shows e na “noite” das cidades metropolitanas, em especial, neste trabalho, o Rio de Janeiro.

A oportunidade deste nicho de valoração do corpo e performance teve um olhar maximizado pela ideia de democracia racial. O deslumbramento do corpo mulato

como figura de síntese de brasilidade mestiça, acabou por mascarar os preconceitos arraigados e disseminados por séculos na história do Brasil. Nas entrelinhas a mulata ainda era e é vista como a tal figura fácil, fogosa e de pouca intelectualidade.

Retomando a obra de Queiroz, esse estereótipo é reforçado continuamente na literatura e na música. Destacam-se os variados tons de pele, a densidade e torneamento de parte do corpo, tais como braços, pernas e bunda, mão e pés pequenos, cintura fina, bustos moldados em sintonia com o conjunto do tronco e altura, boca sensual, dentes sadios que permitissem sorrisos fáceis, sonoros e comunicativos, cabelos em geral alongados e pretos e olhos grandes. Assim a literatura descreve a Mulata a põe em confronto com a mulher negra, tida como retinta ou que foge a essas especificações, ao mesmo tempo que forma um paralelo com a mulher branca, contudo mantendo-a abaixo das qualificações para funções mais nobres. O livro fornece dados interessantes, como por exemplo, a informação de que Gregório de Matos, em ‘boca do inferno” insere pela primeira vez a mulata nos seus versos sensuais. Marcado por uma vulgaridade simplória e em diversas vezes controverso, ele retrata em alguns versos a mulata com certo tom de amoralidade em contraponto às convenções sociais da época e denuncia, o que ele considera ser impunidade à circulação desta figura. Ao mesmo tempo ele descreve qualidades, sem que isso represente um reconhecimento. Vale lembrar que Gregório de Matos escreve em meio ao ambiente escravocrata na Bahia.

O Amor é finalmente um embaraço de pernas,
uma união de barrigas,
um breve temor das artérias.
Uma confusão de bocas
uma batalha de veias,
um rebuliço de ancas,
quem diz outra coisa, é besta. (MATOS, 1990b, p. 913-918)

Em 1903, “Quem inventou a Mulata” cançoneta escrita por Ernesto de Souza é publicada na coletânea “Letras de Carnaval”, sem o nome do organizador e sem data pela Viação Cometa. Esta informação, Queiroz obteve da revista Manchete de 1972, na edição comemorativa intitulada “Dois Séculos de Carnaval”. Segundo a publicação, essa música era o “maior sucesso do carnaval de 1903. Ernesto de Souza era um compositor, nascido em 1864, no Rio de Janeiro e compôs o que seria na cultura

brasileira e carnavalesca a primeira composição de tributo a mulata brasileira na música:

“Se a mulata não houvesse
Era preciso inventar...
Quem inventou bem merece
Um trono, um cetro, um altar... (SOUZA, 1903)

O que não foi identificado ou passou despercebido na crítica tecida à composição de Ernesto de Souza, é que mesmo que o compositor tenha retratado a Mulata de forma a exaltá-la, ele também condecora o “inventor” com versos de promoção moral da figura. Quem seria o inventor, se não fosse o próprio homem branco? Os versos, mesmo que implicitamente, se dirigem ao homem branco, sendo o possível progenitor da mulher em destaque, o papel de criar o objeto da exaltação. Confere também a impossibilidade da mulher negra por si só, sem se relacionar com um homem branco, ser responsável em gestar um filho ou filha de dotes, considerados “maravilhosos” ou dignos de admiração.

Nas décadas a seguir do ano de 1924, a mulata reaparece nos repertórios musicais e desta vez ela tem seu nome citado nos títulos das composições. Exemplo é a música “Casaco da mulata” do autor Luiz Nunes Sampaio que diz assim:

“ô mulata tão faceira
Não faz nada o dia inteiro
Passeia todos os dias
Com casado ou solteiro.”

Analisando a mensagem deste pequeno trecho da música de Sampaio, pode-se observar que o autor insinua que a personagem vive em função de se relacionar sexualmente com diversos homens e que este recurso lhe garantia uma “boa vida”. A utilização do termo faceira remete à vaidade da mulata e em composição com o verso “não faz nada o dia inteiro”, constrói uma narrativa que a associa a prostituição. No ano seguinte da primeira versão, Sampaio, popularmente conhecido como “Careca” reformula a letra e adiciona a voz de uma mulher que a responde aos seus chamados. Ele usa o adjetivo “feiticeira” ao invés de “faceira”, relaciona o encanto da mulata ao perfume de alecrim que ela usa ou exala, chama por ela, “vem cá mulata” e ela

responde “não vou lá não, vou só vestir o meu casaco a prestação”. Nesta versão, o autor, se põe num lugar de súplica pela relação com a mulher preterida e se justifica por estar encantado ou enfeitiçado. Nota-se que a mudança dos versos confere à mulata dois lugares estereotipados, o primeiro o da “faceira”, aquela que se ajeita para se relacionar com diversos homens e o segundo o da “feiticeira” que se utiliza de mandingas para suas conquistas.

Lamartine Babo é outro autor que utilizou a mulata em muitas passagens de suas músicas, consideradas como sucesso absoluto nos carnavais de todo Brasil desde a década de 30, sendo cantadas por multidões e regravadas até os dias atuais. Por muitos anos, Lamartine tinha a alcunha de grande autor carnavalesco que exaltava as mulatas e as posicionava numa organização de sociedade como mulheres de referência da identidade nacional. Era uma época de afirmação do patriotismo e da manutenção do arquétipo da mulata como produto brasileiro. Estava impregnado nas artes e com certeza a música ocupava o veículo principal de propagação desta imagem, pois era o mais potente canal difusor de ideias. Portanto, vale analisar com atenção alguns trechos da letra da música “O teu cabelo não nega”, composição de Lamartine e os Irmãos Valença:

“O teu cabelo não nega
Mulata,
Porque és mulata da cor
Mas como a cor não pega
Mulata,
Mulata eu quero o teu amor.”

Neste trecho, os autores afirmam diferenças raciais com as características físicas entre mulatas e brancos, tais como o cabelo crespo, cujas palavras “duro” e “pixaim” eram dos muitos termos pejorativos utilizados para fazer referência ao cabelo da pessoa negra e a outra menção era a diferença de cor e raça, que neste caso, a pele da mulata não corria o risco de manchar a pele do homem branco que a “cortejava”. Aparentemente a música tem uma conotação satirizada da situação relatada nos versos, garantindo a diversão dos foliões ou ouvintes que em meio a festa carnavalesca pouco discernem o humor das mensagens subliminares.

Entretanto, além das configurações de fenótipo, o trecho “mas como a cor não pega” é uma referência indireta aos aspectos morais e intelectuais que as teorias

raciais insistiam em depreciar o corpo negro, mulato ou mestiço das diversas misturas. A música consiste em considerar que o homem branco teria imunidade a tais “inferioridades” que poderiam ser geradas a partir de um relacionamento interracial. Assim também, pode-se pensar que agia sobre esta simples frase, um conceito simbólico racista de grande impacto, a pureza de sangue²³ que porventura embasou os “estatutos de pureza no sangue”, inicialmente instituído na Espanha no século XV e logo depois em Portugal e suas colônias, conseqüentemente no Brasil em meados do século XVI. De acordo com os estatutos de pureza de sangue portugueses, os mulatos eram considerados uma “raça infecta”, sendo-lhes vetado o acesso a determinados cargos públicos e títulos de nobreza. Apesar disso, muitos conseguiram assumir postos de proeminência no Brasil colonial e conquistaram títulos nobiliárquicos, mas é pouco provável que a mulata tenha conquistado este acesso. Ao fechar a métrica da estrofe com a frase “Mulata eu quero o teu amor”, a mensagem ratifica o objetivo pontual para qual se constrói a homenagem, conceber a relação sem riscos de intercorrências patológicas ou morais.

Decorrendo por décadas a seguir, a mulata foi cantada e decantada por muitas vezes, sendo adjetivada por inúmeros perfis e aspectos que variavam entre alusões negativas e aparentemente positivas. As composições sempre destacavam, a sexualidade, o misticismo, a beleza, o exotismo etc. Os atributos acabavam por apresentar ambigüidades ao definir o papel da mulher negra ou mulata na sociedade brasileira. Neste próximo exemplo, a música “A mulata é a tal”, composta por João de Barros e Antônio de Almeida em 1948, trás a dimensão de como se pensava representar a “consagração da mulata”, na visão do homem branco, destacando-a entre as outras mulheres a sua performance rítmica a partir dos quadris e fazendo alusão como se fossem alimentos a serem consumidos. A marchinha já exhibe no título o termo mulata na intenção de torná-la a figura principal da canção, chamando a atenção para o que seria uma grande homenagem carnavalesca daquele ano. Fatidicamente a música alcançou um sucesso tão grande que lhe garantiu sobrevivência no topo das mais cantadas e tocadas até pouco anos atrás. Os autores

²³ “pureza de sangue” (limpieza de sangre) – Surgiu em Toledo, na Espanha medieval no século XV. Foi durante este período que a idéia de pureza de sangue começou a ser usada para distinguir entre cristãos-velhos e cristãos novos (judeus e muçulmanos convertidos ao cristianismo). Em 1149, foi aprovado o primeiro estatuto de pureza de sangue, que exigia que os candidatos a cargos públicos fossem cristãos –velhos, promovendo a discriminação e exclusão de cristãos-novos, considerando-os “impuros”. DE MELLO, Evaldo Cabral. **O nome e o sangue**. São Paulo: Companhia das Letras. 2009.

compuseram versos que exaltavam a mulata, a partir da comparação com a mulher branca e a preta. Percebe-se, também, que autores insistem em disassociar as mulheres pretas das mulatas. A marcha carnavalesca alude mulheres a figuras de valores estéticos-sexuais, sugerindo uma hierarquização racial tendo como partida o estabelecimento de estereótipos, assim como a visão romantizada que Gilberto Freyre²⁴ reforça em suas obras. “Casa-Grande & Senzala” de certo era o esteio para diversas composições da época. Eis o trecho que deixa explícito esta argumentação:

“Branca é branca
Preta é preta
mas a mulata é a tal
(é a tal)
Quando ela passa todo mundo grita
'Estou aí nessa marmita'

Quando ela bole com os seus quadris
Eu bato palmas e peço (bis)
Aí
Mulata cor de canela
Salve, salve, salve, salve, salve ela!”

É bem verdade que todo este arcabouço artístico, principalmente no campo musical, se formou como grande corrente que notificava e afirmava ao mundo que a mulata brasileira era uma pessoa de certas especialidades dicotômicas. O mito da democracia racial deixou a mulata no foco do debate sobre codificação da mulher genuinamente brasileira, nem negra e nem branca, nem africana e nem europeia, nem selvagem e nem imaculada, boa para transar, mas não o suficiente para se casar. A democracia racial empregou uma estratégia de promover a dicotomia entre valorização e valoração das mulheres negras e da população negra brasileira como um todo e esse raciocínio ganhou vulto das camadas populares, principalmente através da cultura. Em “Significações do corpo negro”, a psicóloga Izildinha Baptista

²⁴ Gilberto Freyre foi um sociólogo, antropólogo e escritor brasileiro conhecido por suas obras sobre a formação da sociedade brasileira. Uma de suas obras mais famosas é “Casa-grande & Senzala” (1933), que analisa a formação da sociedade brasileira colonial.

Nogueira²⁵, desenvolveu na sua tese de doutorado uma análise sobre o impacto do ego branco sobre conceitos de identidade negra. A autora afirma:

“à medida que o negro depara com o esfacelamento de sua identidade negra, ele se vê obrigado a internalizar um ideal de ego branco. No entanto, o caráter inconciliável desse ideal de ego com sua condição biológica de ser negro exigirá um enorme esforço a fim de conciliar um ego e um ideal, e o conjunto desses sacrifícios pode até mesmo levar a um desequilíbrio psíquico.”
(NOGUEIRA, 1998, P.88)

Esse trecho, cuja pauta é o impacto psíquico promovido pelo que, a autora chama de “ego branco”, ajuda a fundamentar assimilação desses valores por uma expressiva parte da população negra brasileira. A conformidade e a passividade como características de boa parte do povo brasileiro para as questões raciais são causadas por doses violentas do “racismo por denegação”, infiltrado sinuosamente e sistematicamente pelo mito da democracia racial. Para a mulata brasileira parecia ser melhor não ser negra, pois lhe conferia algum tipo de vantagem sobre as outras, pois como visto acima, tinha uma produção artística voltada para a formulação enviesada da sua imagem. Então, psicologicamente estava introduzido o conceito de meta-raça, que consiste na harmonia entre as raças que compõe a sociedade brasileira, o que Freyre destaca como ponto focal e positivo nas suas escritas sobre construção societária. Portanto se encaixar nas normas da sociedade, significava aceitar certos estigmas para essa tal convivência em harmonia.

A fim de fortalecer ainda mais este capítulo, é necessário trazer o conceito de Biopoder, termo criado por Foucault²⁶ para definir dimensões de poder de soberania dos estados modernos em decidir ou conceder o direito à vida e morte a determinado grupo ou comunidade. Foucault afirma que o estado exerce esse poder de forma desequilibrada e se aplicarmos ao estado brasileiro, podemos perceber com muita clareza a quem ou a quais corpos se concedem a vida ou morte. A aplicação do conceito de biopoder neste trabalho é para promover um entendimento de que o estado exerce um papel de agência das definições e redefinições da sociedade, o que vai incidir no conceito da mulata e na sua forma de sobrevivência.

²⁵ Izildinha Baptista Nogueira é mestre em Psicologia Social pela PUC São Paulo e doutorada em Psicologia Escolar e Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo.

²⁶ Michel Foucault, filósofo, historiador e teórico social francês do século XX. Foi crítico à modernidade, ao poder e ao conhecimento.

Para última análise deste capítulo, Gal Costa, em 1980, gravou a música “É luxo só” no álbum “Aquarela do Brasil”, um dos trabalhos de maior repercussão da cantora. No mesmo repertório, Gal Costa tinha músicas como “Faceira”, que remetia a uma mulher, certamente mulata, que estava no samba “fazendo visagem, passando rasteira” e que de alguma forma saiu do morro e foi morar na cidade. Ainda tem outras músicas como “No tabuleiro da Baiana” e “Na baixa do Sapateiro” que fazem uma descrição de mulheres negras e desta vez aparece a figura da morena. O álbum tende a elencar uma brasilidade na década de 80, período final da Ditadura Militar no Brasil. Mesmo que pelas causas da liberdade de expressão e do restabelecimento da democracia, a forma na construção da narrativa para afirmação de brasilidade não abandonava velhos paradigmas da meta-raça de Freyre. A canção “É luxo só” é um samba de Ary Barroso e Luiz Peixoto, lançado em 1957, gravado por vários artistas além de Gal Costa como, Ataulfo Alves, Elizeth Cardoso, Jorge Goulart, João Gilberto.

Olha, essa mulata quando dança
É luxo só
Quando todo seu corpo se embalança
É luxo só
Tem um não sei quê
Que faz a confusão
O que ela não tem meu Deus,
É compaixão
Êta, mulata quando, ah [...]
[...], Porém seu coração quando palpita
E se agita mais ligeiro
Nunca vi compasso tão brasileiro[...]
[...]Êta, samba, cai pra lá
Cai pra cá, cai pra lá, cai pra cá
Êta, samba, cai pra lá
Cai pra cá, cai pra lá, cai pra cá
Mexe com as cadeiras, mulata
Seu requebrado me maltrata

É importante citar que Ary Barroso foi um dos artistas mais importante do cancionero popular e foi político, vereador no Rio de Janeiro quando ainda era

Distrito Federal pelo partido União Democrática Nacional²⁷. Compôs “Aquarela do Brasil”, considerada música do século XX, por destacar virtudes das paisagens e retratar o perfil do povo brasileiro daquela época, em meio ao governo de Vargas. Traçar um breve histórico de Ary Barroso e os aspectos políticos de suas obras é reforçar a ideia de que este perfil inventado para as mulatas fazia parte de um projeto de estado. Os versos da música “É luxo só” ressoam como uma vinheta de comercial de um produto de inestimável valor mercadológico. A expressão “Luxo só” contrapõe uma série de adjetivos pejorativos das composições das décadas anteriores, como as que estão descritas acima, contudo, na sequência os autores ainda mantêm um ar de mistério ao tentar definir o que a mulata tem que lhes causa confusão. Ao questionar Deus sobre o suposto mistério da mulata, o que eles têm como certo é que ela não tem “compaixão”, deixando a entender que sua beleza ou seu trejeito maltrata os corações dos que se apaixonam por ela ou quer obtê-la sexualmente. Depois eles descrevem as habilidades da performance da mulata, legitimando a dança do samba como alta patente da brasilidade ao mesmo tempo que expressam termos de conotação sexista como na frase “seu rebolado me maltrata”.

Em muitos shows brasileiros a música “É luxo só” é um hino e música de abertura do quadro das mulatas, funciona como uma regra e ponto de contato em qualquer país que estas profissionais se apresentam, pela tamanha propaganda que esta música faz da imagem da mulata profissional brasileira. É também a partir deste samba de notas musicais suaves e uma mensagem impregnante que Lélia Gonzales contribui com o livro “Por um feminismo negro afro-latino-americano” para encerrar esta parte essencial da monografia.

2.2 Mulata: Identidade e Profissão

Gonzales diz que é justamente no ritual do carnaval que o mito da democracia racial assume um impacto simbólico. É neste momento que ocorre a ascensão da mulher afro-brasileira, as imagéticas personagens da soberania cultural e nacional,

²⁷ União Democrática Nacional (UDN) foi um partido brasileiro de orientação conservadora, atuante entre 1945 e 1965. Caracterizou-se pela oposição a Getúlio Vargas e ao seu projeto político, o getulismo. A UDN congregava diversas correntes de oposição ao Estado Novo e defendia um projeto de modernização conservadora do país.

como por exemplo as assistas, musas e rainhas de bateria. É a redenção ou esplendor da mulata que sai do anonimato e ganha status de artista da maior festa popular do planeta. Desta forma, tentá-se ocultar os diversos processos de violência que estas mulheres sofrem. Ainda pesam sobre as estrelas do carnaval e dos palcos de show nacional e internacional as insígnias como pobreza e inferioridade. As mulatas profissionais, infelizmente, ficaram presas à natureza da invenção do próprio termo e conceitos atrelados a elas durante o longo processo de construção deste arquétipo. Mesmo que o capitalismo as tenha tornado “profissionais”, não houve um movimento legítimo que as efetivassem com a dignidade com qual se referem por exemplo, às mulheres brancas.

Ao contrário do que poderia ser uma reparação social, por todo o tempo histórico de pejoração da imagem da mulata, surgiram regramentos e pré-requisitos que deveriam ser cumpridos para ocupar o campo profissional. Essas regras eram ditadas, em geral, por empresários brancos e transmitidas aos coreógrafos ou diretores de elenco. O modelo de gestão do show brasileiro, no que se refere às mulatas, era similar à lógica de dominação e exploração colonial e, também pode-se fazer relação com o conceito de biopoder de Foucault²⁸. Muitas dessas candidatas às vagas ofertadas eram oriundas de camadas sociais de extrema vulnerabilidade que, ainda muito jovens viam em seus corpos negros a possibilidade de ascender socialmente, na tentativa de driblar a falta de trabalho ou não ceder a empregos estigmatizados com renda insuficiente para administrar os problemas socioeconômicos. Atender às condições estipuladas pelos empresários, ter uma performance que agradasse os coreógrafos e por fim, conseguir ocupar um cargo de mulata show, poderia representar uma porta de saída das condições desfavoráveis de vida nas comunidades faveladas e de bairros periféricos, promover melhorias no ambiente familiar e uma oportunidade de viajar pelo Brasil e internacionalmente.

“Cintura fina, coxa grossa e bunda grande e na sua grande maioria douradas pelo Mobra...”

Um alvo tentador e aparentemente fácil para os mais atrevidos, mais uma conquista a não desprezar para os mais audaciosos e para os mais ricos um investimento bem prazeroso e barato... Era este o perfil e a imagem da

²⁸ Michel Foucault, filósofo, historiador das ideias, teórico social, filólogo, crítico literário e professor da cátedra História dos Sistemas do Pensamento, no célebre Collège de France.

maioria das mulatas: uma presa muito gostosa e fácil!” (Oswaldo Sargentelli, 1999, p.87)

Com o estabelecimento deste perfil condicionante para o exercício da mulata show, surgiram figuras de controle, que desempenhavam papéis autoritários, mas também de produtores e gestores de carreira. Oswaldo Sargentelli foi o personagem mais famoso e expressivo do show brasileiro, além de apresentador, produtor, compositor e muito fluente na noite carioca, recebeu o título de “Sargento das Mulatas”. Sargentelli criou o termo “Mulata Exportação” e tinha como narrativa, mesmo que de forma satirizada, que a mulata tenha sido a melhor “invenção” e contribuição do português para o Brasil. No livro de Fernando Costa²⁹, “Memórias de um Sargento de Mulatas”, o autor revela, através de informações obtidas por conversas com Sargentelli que a mulata era a principal fonte de renda e responsável pelo seu sucesso como empresário e artista. Sargentelli atuou nos bares, restaurantes, casas de show, em programas TV e em diversos países, exibindo-as como personagens excêntricas do seu imaginário de paraíso exótico brasileiro. Não as poupava de adjetivá-las com clichês e detalhava as performances com seus bordões como, “Telecoteco” e “Ziriguidum”. Entre 1957 e 1964 atuou como apresentador de programa de TV e no rádio, com grande popularidade, porém, com o golpe militar, teve seu programa proibido e reinventou sua trajetória artística a partir da produção do show de mulata e parceria com cantores famosos da MPB.

“O cliente pode mandar um bilhete para a mulata, mas se ela apanhar o papel é demitida. Se o garçom for usado para entregar a ela, os dois serão demitidos. Estes são os meus princípios e deles não abro mão[...]
[...]. Quando vocês estão em cena têm que dar sempre a impressão, que são irmãs de caridade! Têm que dar a impressão, que são Donzelas de Sion e que são todas virgens! [...]
[...]. Não me interessa o que vocês foram, porque em cena são virgens... abriu a cortina. Só tem donzelas!” (SARGENTELLI, 1999, p. 89)

Embora fosse irreverente e bem-humorado em suas apresentações, COSTA descreve Sargentelli como um sargento, interventor e de personalidade forte no que

²⁹Fernando Costa, advogado, poeta, jornalista e artista plástico. Detentor da Medalha Koeler no grau Cruz de Distinção, da Medalha Tiradentes, Colar do Mérito Jurídico e outros lauréis e diplomas.

tange à função de disciplinador de mulatas. O que deixa a entender que Sargentelli se dividia entre se preocupar com a imagem das artistas e um evidente sentimento de posse sobre esses corpos femininos negros. No segundo caso, as circunstâncias são relatadas por inúmeras mulheres que trabalharam em seus shows, uma das regras era a proibição de se relacionar com outros artistas do próprio show e o caso da tal “Kombis da casa”, transporte obrigatório para saída das mulatas do show até um local, distante, onde elas pudessem pegar um ônibus para suas casas, sem que mantivessem contato com expectadores ou funcionários. Tamanha era a ambiguidade o que pretendia Sargentelli com seu tratamento aferido as mulatas, que artistas como Solange Couto³⁰, que fez parte de seu elenco, teceu o seguinte comentário, “Era muito chato trabalhar com o Sargento, mas pior, sem ele!”

Sargentelli dedicou uma atenção especial à mulata em sua carreira que, acabou criando muitas referências para o empresariado do ramo, além de termos que lhe conferiam destaque como por exemplo ser considerado um Mulatólogo³¹. O método aplicado por Sargentelli fixou um padrão de imagem e tratamento relacionados as profissionais, no que era necessário além da avaliação da beleza física ter um comportamento exemplarmente militarizado. E não seria leviandade comparar ou relacionar o período da ditadura militar em atividade no Brasil com as medidas de Sargentelli, dada as circunstâncias de que foi neste mesmo período que ambas estavam em voga.

A experiência de Oswaldo Sargentelli, transformou a mulata show num produto brasileiro verificado e possível de exportação. A ideia de controle de qualidade e rentabilidade atraiu o olhar do setor do turismo a nível governamental e internacional. A mulata entra na fase de objetificação e é transformada em mercadoria de consumo doméstico internacional, assim define Gonzales. Uma experiência que confirma esta lógica comercial do corpo feminino negro com respaldo de política pública transfigurada em pauta de geração de renda foi o Curso de Formação Profissional de Mulatas, promovido em 1986 pela famosa casa de show carioca “Oba Oba”, com a gestão operacional do Senac (Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial) e apoio total da Riotur (Agência Oficial de Turismo do Rio). O curso aconteceu pelo menos

³⁰ Solange Couto dos Santos, atriz e apresentadora. Início sua carreira artística como dançarina mulata do Oswaldo Sargentelli.

³¹ Mulatólogo, termo usado para se referir a alguém que tem conhecimento ou interesse especial por mulatos, pessoas com ancestralidade mista de africanos e europeus.

duas vezes, a primeira vez registrada por Lelia Gonzales e a segunda edição por Giacomini. O curso tornou o Oba Oba uma escola profissionalizante e agência de distribuição de mulata show, além da casa de show. A experiência da qualificação e profissionalização, também despertou interesse no Sindicato dos Profissionais da Dança do Rio de Janeiro e de empresas nacionais e internacionais de turismo e hotelaria que acabaram por contratar o Oba Oba para diversos eventos e até a abertura de filiais do Oba Oba em outros estados, como por exemplo, São Paulo, e outros países, a exemplo na Espanha. O curso tinha uma estrutura que contava com professores de automaquiagem, dança coreografia, etiqueta, postura e vestuário. Ao concluir o curso as alunas ganhavam seus certificados e as melhores tinham a possibilidade de serem contratadas pelo próprio Oba Oba. Eram em média noventa horas de atividades para que as alunas se tornassem mulatas profissionais, cerca de quarenta mulheres eram selecionadas para participar, com idades entre dezesseis e trinta anos, e tinha como um dos pré-requisitos “não ser completamente branca e nem completamente negra”.

Ambas as autoras descrevem que a expectativa de mudança de vida era um dos principais itens de interesse pelo curso, mulheres desempregadas, algumas empregadas domésticas e de serviços de baixa renda, com ou sem experiência em qualquer tipo de dança, aconselhadas por amigos, tinha até quem vinha de outros estados para tentar realizar o curso e ter uma profissão cujo fenótipo as favorecia. O curso teve uma divulgação ampliada por reportagem do jornal O Globo, Jornal do Brasil, O Dia e outras fontes difusoras, e também teve seu espetáculo de resultado gravado por uma emissora de Tv alemã ZDF que, produziu um clipe com as principais cenas para divulgar pela Europa.

As alunas tinham como incentivo algumas experiências de sucesso relatadas em palestras como a da bailarina Gloria Cristal. Considerada bem-sucedida no ramo, ela tinha na época, dois empregos: Oba Oba e TV Globo. Em sua palestra, Gloria Cristal exalta a profissão, “Ser uma mulata é a melhor profissão do mundo, pois temos a oportunidade de nos tornarmos damas. Todos nos tratam com carinho e cuidado, às vezes penso que sou uma boneca de porcelana e gosto muito disso!”

O curso não obteve tanto sucesso na tentativa de mais edições, pois a opinião pública não foi tão favorável à exposição das mulheres com trajes íntimos como incentivo a profissionalização. Na esteira do debate público sobre a profissão mulata show, levantou-se vários questionamentos sobre o que é ser ou que é necessário ser

uma mulata show. Palavras como corpo violão, altas, pernas longas, mulatas claras ou escuras, dom de sambar, elegância, magras ou corpulentas, domínio de outras técnicas de dança, isso de micro-biquínis, investimento pessoal na beleza. Todavia, também se discutia nos anos 80 a prostituição, os valores familiares diante da profissão, as interações internacionais, a independência das profissionais de show como empreendedoras de seus próprios trabalhos, a valorização da profissão em relação aos outros artistas como músicos, modelos e bailarinas, já que a mulata não era considerada bailarina.

A Mulata Show, à medida que foi ampliando seu campo de atuação, com abertura de casas de shows como Oba Oba, Plataforma, Cassino da Urca, Companhias de dança tais como “Brasilianas”, concursos e bailes carnavalesco, foi também se tornando uma figura que mimetizou, corpo, cor e talento, transformando as mulheres que não comungavam essas três características em anormais para questões raciais. É como que estabelecesse uma regra que para estes corpos não havia outra saída a não ser, ser mulata show e que por outro lado, ser mulata show era ter esses ingredientes. Essa confusão mental opera nas mulheres que fazem show e nas que também não fazem, até que ponto elas podem afirmar ou negar, como também as questões se isso significa ser uma vantagem ou não, já que ainda pesa sobre ser mulata toda os clichês e preconceitos historicamente enraizadas. Nas entrevistas feitas por Giacomini pode-se constatar essa crise identitária a partir da profissão, e de alguns relatos:

- Eu acho que não precisa ser negona para ser mulata. Não. Pode ser uma morena clara ou negra, entendeu? Ou, como se diz, assim meio...
- Eu me considero mulata, apesar de ser clara, mas eu me considero mulata porque sou mulata.
- Não, não me considero mulata, mas no meu sangue corre isso, eu gosto, é uma coisa que eu gosto e praticamente me considero, considero sim, gosto, me atrai, é uma coisa que me puxa, é bem de sangue mesmo, eu gosto... mestiça mesmo, um pouquinho de branca e um pouquinho de negra, de mulata, de tudo, bem brasileira mesmo.

Esta dificuldade de mulheres negras de definirem quem são, revela uma confusão mental produzida, pelas ideologias de branqueamentos implícitas no mito de

democracia racial, tais efeitos produziram na população negra um tipo de *duplo nó*, que segundo Marilena Chauí se explica assim:

O duplo nó consiste em afirmar e negar, proibir e consentir alguma coisa ao mesmo tempo os lógicos afirmam que o duplo nó conduz à impossibilidade da decisão, os psiquiatras o consideram causa maior da esquizofrenia e as antipsiquiatrias o consideram a prática típica da família e da ciência médica.(CHAUI, 1984, p. 228)

Lélia Gonzales fecha e completa, sendo mais específica para o nosso tema em questão:

Numa sociedade que separou espírito e corpo, fez do primeiro algo superior ao segundo, valoriza a razão contra a paixão, a inteligência contra a sensibilidade, o elogio da sensualidade rítmica dos negros e das mulatas é a forma acabada e perfeita do duplo nó: elogia-se aquilo mesmo que a sociedade inferioriza e condena. (GONZALES, 2020, p. 170)

No próximo capítulo, será exibido a transcrição de trechos das entrevistas realizadas com as personagens reais deste trabalho. A intenção é coletar informações e perceber através de relatos a concepção da profissão mulata show nos quatro casos, e também analisar através dos fatos os impactos dos assuntos relacionados nas páginas anteriores desta monografia: teorias raciais, racismo, contexto socioeconômico, identidade racial e profissional etc. Esta é também uma oportunidade de ir além, registrar as práticas profissionais realizadas por estas quatro mulheres e legado deixado por elas para gerações posteriores a elas.

Vale lembrar que Aldione Sena, Nilce Fran, Aninha Malandro e Bisteka da Mangueira, atuaram na indústria do show brasileiro e internacional entre as décadas de 80 e 2010.

Vida real de quatro mulatas

Capítulo 3

3.0 Aldione Sena

Aldione da Conceição Sena, conhecida no meio artístico como Aldione Sena, mulher negra com 70 anos de idade, carioca, solteira e mãe de três filhos, sendo duas mulheres e um homem especial de 50 anos. Aldione estudou até as primeiras séries do antigo primário, por conta de problemas familiares, em especial sua mãe. Relata estar focada atualmente em estudar e concluir o ensino fundamental, via o programa educacional do governo federal ENCCEJA, Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos. Por conta de suas filhas terem concluído suas graduações universitárias, acabavam desempenhando papéis importantes no incentivo para o seu retorno ao estudo. Aldione confessa que as filhas a pressionam e que ela acaba se sentindo mais segura para estudar.

Foi levada ao samba por sua própria mãe desde criança e muito pequena, era uma programação obrigatória, embora ela afirmasse ter gostado de todas as vezes que foi a quadra de ensaios. Sua mãe era ritmista da Unidos do Cabuçu³², escola de samba tradicional das comunidades do Lins de Vasconcelos, tocava Ganzá³³ e sambava na frente da bateria. Era uma das pioneiras no quesito performance com este instrumento. Foi com sua mãe, Hilarina da Conceição Sena, a “Hilarina do chocalho”, que Aldione aprendeu a sambar. Exalta o fato de que sua mãe tenha sido reconhecida até por uma matéria de jornal, no caso o jornal Luta Democrática, publicado em 1966. Dona Hilarina não é mais viva, mas a matéria do Jornal Luta Democrática está guardada até os dias de hoje e preserva a história de mãe e filha. Em mais um detalhe desta matéria é que, a foto publicada tem Hilarina do Chocalho e a Aldione ao seu lado ainda pequena. Dona Hilarina não tinha uma forma de sambar como se faz nos dias de hoje, os trajes eram grandes e volumosos, mesmo assim, sua mãe era considerada a Madrinha da Bateria. Percebe-se então que os critérios

³² Unidos do Cabuçu, escola de samba fundada em 1958 no bairro do Lins de Vasconcelos.

³³ Ganzá é um instrumento de percussão originário da África e ganhou espaço entre as baterias de escola de samba. Tem um formato de balão com um bastão para o manuseio, em geral se usa dois, sendo um ganzá em cada mão. O som emitido por este instrumento é semelhante ao de um chocalho.

da época eram a participação e o comprometimento com a escola de samba que garantia certos títulos.

Numa conversa informal entre amigos, Aldione conta que aos quatorze anos, sua mãe a prometeu em casamento a um homem mais velho, aparentemente com trinta anos. Na época elas passavam uma situação financeira muito difícil, acrescentando o fato de que dona Hilarina era uma viúva e criava seus quatro filhos sozinha. O tal acordo lhes garantiram um período de compensação, porém o casamento só poderia ocorrer depois que Aldione fizesse quinze anos, adicionando o fato de que ele também devesse custear toda a festa. A situação criou um clima de pânico em Aldione e dias antes do seu aniversário ela acabou fugindo. Pedindo carona, de transporte em transporte chegou em São Paulo e foi acolhida por mulheres que trabalhavam nos shows da noite paulista. A partir deste episódio que inicia sua vida como Mulata Show.

O convívio com essas mulheres fez com que aprendesse muitas coisas sobre o show brasileiro, mas seu início de fato foi no show do Hotel Nacional no Rio de Janeiro, sem saber precisar o ano. Certa vez, sambando na quadra da escola de samba Estação Primeira de Mangueira³⁴, onde foi passista e premiada com dois estandartes de ouro, foi interceptada pela cantora Eliana Pittman que a aconselhou à participar do teste para o corpo de baile da casa de show Scalla. O teste foi realizado no Cassino da Urca e selecionou um grande elenco que incluía mulatas, bailarinas, modelos, dançarinos, músicos e capoeiristas. Aldione lembra que era enorme o número de candidatos e candidatas, vindos das mais variadas regiões do Brasil. Aldione teve sua performance elogiada, aplaudida e reverenciada pelo diretor do show Maurício Sherman³⁵, foi classificada e tão logo fez parte do primeiro show do Scala Rio³⁶. Próximo ao dia da estreia foi informada que um dos quadros exigia das mulatas que entrassem de peito de fora, ela imediatamente hesitou, alegando muitas questões. Depois de muita insistência da produção, da Eliana Pittman³⁷ e do próprio diretor, ela aceitou. O fato de ter amamentado três filhos, fez com que Aldione se

³⁴ Grêmio Recreativo Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira, escola de tradicional da cidade do Rio de Janeiro. Fundada no ano de 1928 no morro da Mangueira pelos ilustres sambistas Carlos Cachaca, Cartola, Zé Espinguela, Tia Tomásia e Tia Fé.

³⁵ Mauricio Sherman, ator e diretor brasileiro. Atuou em novelas e peças de teatro, assim com dirigiu programas de Tv como “Os Trapalhões” e vinhetas de carnaval na rede Globo.

³⁶ Scala Rio, casa de espetáculo fundada na década de 80 no bairro do Leblon, famosa pelos bailes de carnaval. Atualmente está sediada no Centro da Cidade do Rio de Janeiro.

³⁷ Eliana Leite da Silva, Eliana Pittman, cantora e atriz brasileira.

sentisse em desvantagem estética diante das demais, mas uma das mulatas indicou o uso de uma fita adesiva embaixo do peito para diminuir o incômodo, porém Aldione era um artista de alta performance e a fita acabava caindo em todas as apresentações. Aldione chegou a desistir, então Sherman fez a proposta de pagar uma cirurgia plástica para que ela continuasse e prontamente ela aceitou, retornou a apresentar após a operação e o tempo de recuperação. A cirurgia possibilitou que Aldione realizasse o sonho de desfilar na escola de samba Mocidade Independente de Padre Miguel³⁸ que na década de 80 contava com mulatas de seios de fora no Abre- alas.

Vale registrar que as bailarinas eram brancas e não colocavam os seios à mostra, já as modelos que tinha um grupo mais diversos em termos raciais, entravam vestidas de roupas de luxo, como casacos de pele e no final deixavam os casacos caírem e poucos segundos os seios apareciam, já as mulatas, dançavam um quadro inteiro com os seios à mostra. Em relação à remuneração, todos recebiam a mesma quantia e cumpriam a mesma carga horária, com exceção da cantora Watusi³⁹ e do ator Grande Otelo⁴⁰.

Ela realizou sua primeira viagem internacional na década de oitenta, iniciada pelo Japão, passou pelas Filipinas, Paraguai entre outros países da Europa, Ásia e América latina. Em média eram temporadas de 6 a 8 meses de duração, com restrições e regras para passeios fora do ambiente de trabalho. As proibições iam se flexibilizando de acordo com o tempo da viagem e o comportamento dos artistas. Relatou que precisavam se adaptar aos costumes de cada cidade e país, por conta disso diversas vezes eram advertidos por costumes diferentes dos territórios. Considera que o Japão foi o melhor país que trabalhou, por conta da valorização dada aos brasileiros. Sobre o Sargentelli, respondeu:

“Eu fiz um teste pra entrar para o show do Sargentelli, mas não passei, porque mesmo estando de salto, eu não chegava à altura das mulheres dele sem salto. Ele só gostava de mulher alta e mulher de corpão, essa era a realidade, ele gostava de mulher estilo, mesmo, sardinha oitenta e oito, antigamente. Adele Fatima, entendeu?”

³⁸ GRES Mocidade Independente de Padre Miguel, escola de samba da cidade do Rio de Janeiro, fundada em 1955 na zona oeste e tem as cores verde e branco como representação na bandeira.

³⁹ Maria Alice Conceição, Watusi, atriz, intérprete, bailarina e cantora brasileira.

⁴⁰ Sebastião Bernardes de Souza Prata, Grande Otelo, ator negro, comediante, cantor, produtor e compositor brasileiro. Considerado um dos maiores ícones da cultura popular brasileira do século XX.

Embora se orgulhasse de seu físico musculoso natural, foi justamente essa estrutura corporal que a impediu de entrar para a equipe de Sargentelli e mesmo tendo se destacado no teste, não foi suficiente. Sargentelli e Ivan Curi ⁴¹ tinham predileção pelo mesmo perfil de mulata naquela época, mas o Ivan ainda prezava pelo talento e a performance. Muitas oportunidades de trabalho foram ofertadas na década de 80, muitos testes para viagens internacionais e um dos países mais receptivos era a Itália, mas alertou sobre as notícias ruins que vinham da Itália, sobre trabalhos ilegais, prostituição, calotes e perseguições.

Finalizando a entrevista, falou um pouco da sua percepção quanto ao racismo no exterior e no Brasil, as questões sobre assédio e prostituição. Ela percebeu tardiamente as questões raciais, passou por diversas situações que só entendeu depois de um tempo, mas viu também mulatas que entraram em depressão, passaram por dificuldades para retornar ao país e até casos de suicídios por conta de separação matrimonial e falência. Muitas mulatas iam em busca de uma vida melhor no exterior e muitas se submeteram a situações desagradáveis.

Aldione Sena, atualmente, é vice-presidente da Associação dos Passistas de Samba do Brasil⁴², ministra aulas de samba no pé, faz preparação de musas e rainhas de bateria, porém sua fonte vem do serviço de cuidadora de idosos.

3.1 Nilce Fran

Nilce Francisca da Silva, a “Nilce Fran”, mulher negra de cinquenta e quatro anos, uma das mulatas show mais conhecidas no Brasil e no mundo. Uma das maiores referências entre as profissionais do show, por acumular em sua carreira de muitas conquistas, prêmios e por liderar a ala de passistas da escola de samba Portela⁴³, ala com inúmeros Estandartes de Ouro nos últimos anos. Na semana que foi feita a entrevista, Nilce Fran havia acabado de vencer a eleição para vice-presidente da Portela. Vale citar que nos últimos anos ela vem desempenhando o

⁴¹ Ivan Curi, cantor e compositor, conhecido por suas canções românticas nas décadas de 70 e 80. Também contratava mulatas para shows brasileiros em hotéis e casas de show.

⁴² Associação dos Passistas de samba do Brasil (APASB), fundada em 2021 e presta homenagem a Ciro do Agogô, um importante nome na história dos passistas, que fundou a primeira associação do gênero no Rio de Janeiro em 1997.

⁴³ GRES Portela, escola de samba tradicional da cidade do Rio de Janeiro, dos bairros de Oswaldo Cruz e Madureira. Fundada em 1923, tem a águia e as cores azul e branco como símbolos.

papel de presidente da Escola de Samba Rosas de Ouro⁴⁴, de Oswaldo Cruz, escola fundada por seu pai na década de setenta, além de presidir a Associação de Passistas de Samba do Brasil.

Nilce é de uma geração posterior ao da decana Aldione Sena, tem na figura de sua antecessora um profundo respeito, costume que é comum entre as mulatas, reverenciar as mais antigas. Nilce na entrevista sempre expressava de maneira muito respeitosa e cuidadosa ao mencionar figuras do seu passado, como seu pai Wanderley Francisco⁴⁵, sua mãe, seu tio Candeia⁴⁶, entre outras personalidades que participaram da sua trajetória. Nas escolas de samba, desde criança, circulou em diversos setores, desde porta-bandeira mirim, a Madrinha de bateria da Portela e alas coreografadas. Tinha facilidade para seguimentos de performance por conta de sua formação em dança, além de ter em seus pais as maiores inspirações, aja vistas que eram dançarinos profissionais de Dança de Salão e Samba no pé, em especial seu pai, que também era compositor, músico, baterista, baixista e percussionista.

Casou-se aos dezenove anos e aos vinte um, teve um filho, mas mesmo antes disso já era professora de dança, mas sua fonte de renda na época era de um emprego de promotora de vendas no comércio, aos vinte cinco anos ela se separa de seu marido e mergulha num momento difícil de sua vida, pois se viu solteira, desempregada e com um filho pequeno. E neste período que foi quando avistou no jornal do Comércio o anúncio de um teste para o elenco do show do Plataforma⁴⁷, o anúncio dizia, “precisa-se de Mulata-show acima de um metro e setenta. O ano em questão era noventa e um, e ela participou do teste e com êxito em todos os quesitos exigidos, foi aprovada, favorecida por sua formação em diversas danças. Nas informações dadas as mulatas que passavam pela seleção, Nilce sentiu-se aliviada pela existência do cachê-ensaio, uma espécie de remuneração referente ao período de ensaios e se sentiu entusiasmada pelo desafio de estreiar no tempo em que decorasse e executasse todas as coreografias propostas, exatamente vinte e três quadros coreográficos. Pela extrema necessidade de obter uma renda para o sustento do seu filho, tomou como meta decorar e executar a coreografia em dez dias e assim o fez.

⁴⁴ GRES Rosas de Ouro, escola de samba do bairro de Oswaldo Cruz, fundada em 1970.

⁴⁵ Wanderley Francisco, fundador do GREA Rosas de Ouro.

⁴⁶ Antônio Candeia Filho, Candeia, sambista, cantor e compositor brasileiro.

⁴⁷ Plataforma Show, casa de espetáculos folclóricos que cria o carnaval e a cultura brasileira, com samba, dançarinos(as), mulatas shows, capoeiristas e músicos.

A estreia no Plataforma foi um divisor de águas e em menos de um ano em exercício no novo trabalho, foi aprovada para integrar-se ao grupo para realização de shows na Espanha no ano de mil novecentos e noventa e dois. Nilce e mais quatro mulheres foram para Ilhas Canárias e logo em sua primeira viagem foi escolhida pelo empresário para ser coordenadora do grupo, fato que desagradou alguns membros mais antigos da organização. Tal como muitas mulatas de sua época, Nilce deixou seu filho com uma prima, ainda na fase de amamentação, mas custeava toda as necessidades do filho e da prima.

Lembrou que recebia conselho das mulatas mais antigas para que juntasse seu dinheiro para primeiro comprar uma casa, depois um freezer e quando tivesse em alta temporada de trabalho, aconselhavam que comprasse bastante comida, para viver momentos de fartura em contraponto aos momentos de extrema necessidade já vividos. O despertar deste raciocínio está, intimamente, ligado ao fato de que as mulatas tinham um tempo de duração que era determinado pelo empresário. Se determinada mulata, caísse nas graças do empresário, ela teria uma carreira longa e claro, mantendo todo o cuidado com o corpo e a performance.

Na década de noventa as viagens em média duravam nove meses e eram frequente aos casos de renovações de contrato, sem retorno ou intervalo. Neste momento Nilce recorda que na época não tinha aparelhos celulares e ou internet que pudessem fazer contato diário com seu filho, familiares e ou amigos, ressentia de ter feito o desmame de seu filho tão precocemente por conta da longa duração de suas viagens. Logo nos primeiros anos de trabalho internacional, comprou um terreno e em seguida construiu sua casa em Oswaldo Cruz da maneira como havia sonhado, com cômodos suficientes para alocar sua família, além de um quarto para seu filho.

Depois de quatro anos indo somente para Ilhas Canárias, decide parar para passar a cuidar de seu filho, mas recebe uma contraproposta para empresariar e coreografar um grupo com contrato com a mesma empresa de turismo da Espanha e a partir daí deu continuidade ao trabalho como líder de grupo durante oito anos. Depois da Espanha, Nilce diminuiu o tempo de permanência nos trabalhos internacionais por conta da doença que seu filho desenvolveu e passou também a diversificar os países, tais como Japão, Coréia, França, Itália, Dinamarca, Inglaterra, Portugal, entre outros, acumulando três passaportes. Nos dias de hoje ministra aulas e workshop em diversos estados e países.

Nilce ainda contribui falando sobre a recepção do empresariado estrangeiro, tomando como exemplo a empresa da Espanha, ela afirma, que o grupo tinha uma ótima assistência como casas mobiliadas, carros particulares com motorista e tradutor e alimentação adaptada ao consumo dos brasileiros. Mas ela admite que também não tinha muita liberdade para passeios particulares, mas que o dinheiro compensava muito, por conta do valor da moeda local em relação à moeda brasileira no câmbio. Não era uma realidade de todos os países, mas ela teve sorte pelos lugares que passou. A empresa espanhola tinha doze grupos de diferentes países, mas o show brasileiro era o mais respeitado por fazer um grande sucesso nas apresentações.

Em relação ao preconceito, percebia que tinha muita desinformação sobre o Brasil e principalmente sobre o brasileiro, sobretudo os negros. Admite que o comportamento de alguns amigos brasileiros deixava a desejar e acabava reforçando a imagem ruim. Ouvia de amigos estrangeiros que o melhor era ela ficar na Europa, por conta dos problemas sociais como violência, moradia, baixos salários, pobreza que eles tinham como as únicas referências do Brasil. Embora respeitasse a opinião dos amigos e também entendesse o desejo de outras mulatas de ficarem na Europa e estabelecer suas vidas no exterior, Nilce nunca teve pretensão de morar fora do Brasil. Para ela o mais importante era realizar o trabalho de forma digna, que não reduzisse somente ao corpo, mas que também pudesse ressaltar outras qualidades do país, como as danças folclóricas que elas dançavam além de sambar. Não desmente o fato de tentarem hipersexualizá-las, relatou um fato que, certa vez na Itália, um senhor a abordou na loja e perguntou quanto ela custava, ela sem dominar completamente a língua e nervosa, disse um valor bem alto e ele saiu gritando que era um absurdo um valor. Nilce não teve intenção de precificar seu corpo, mas tentou afastá-lo mencionando um valor além do que poderia pagar.

Nilce vê na atualidade as assistentes das escolas de samba e as mulatas de shows internacionais mais conscientes de suas identidades e mais empoderadas, hoje as viagens complementam as rendas, pois elas em geral são universitárias ou até formadas, algo que no passado era humanamente impossível, estudar e trabalhar. Se orgulha que em sua ala de assistentes tem médicas, dentistas, advogadas etc.

3.2 Aninha Malandro

Ana Carla Gomes de Oliveira Laidley, artisticamente conhecida como Aninha Malandro, mulher negra de cinquenta e oito anos, casada com um homem afro-americano, mãe de três filhos, avó de três netos, nascida no Rio de Janeiro, porém mora nos Estados Unidos por longos trinta e quatro anos. Nascida e criada no samba, morou por muitos na casa de Djalma dos Santos, seu padrinho, presidente da Mangueira na época, e tem como referência seus pais. Sua mãe, Ana Maria Gomes, foi Cabrocha do Erivelton Martins e depois fez parte do primeiro grupo de mulatas do Sargentelli e era passista da Mangueira na década de setenta, realizando com a escola um show na Espanha em mil novecentos e setenta e dois. Carlinhos Pandeiro de Ouro, assim era conhecido o seu pai, músico e passista, ganhou o concurso Pandeiro de Ouro realizado no Maracanzinho, no ano de setenta e nove. O concurso lhe rendeu o título de melhor performer de música, samba no pé e malabarismo com pandeiro e o nome artístico. Carlinhos Pandeiro de Ouro foi um dos artistas de maior visibilidade e prestígio no show brasileiro, ajudou a disseminar a cultura dos Passistas Malabaristas no cenário internacional. Ambos viajavam muito pelo mundo, considera que sua mão não tinha altura padrão das mulatas, mas era admitida nos trabalhos por conta da sua beleza.

Aninha Malandro iniciou sua trajetória no samba, ainda criança, na Comissão de frente do Estácio de Sá⁴⁸, na ocasião o enredo era sobre o Sírío de Nazaré. Aos dezesseis anos substituiu uma mulata num show do cantor Jorginho do Império que ocorreu em Alagoas, disse que não foi uma boa experiência, pois toda viagem foi realizada de ônibus e de maneira bem desconfortável. Em 1992, foi morar no Havaí com seu pai e no decorrer do ano passou a trabalhar no show de temporada turística, como não era frequentemente, isso não a impediu de estudar. Sua renda principal era obtida trabalhando em casa de família, babá, entregando jornal, secretária e dando aulas de samba para americanos e turistas que visitavam o Havaí.

A característica do trabalho desenvolvido pela Aninha Malandro e seu pai era diferente dos shows do Plataforma, Oba Oba e Sargentelli. Enquanto esses nomes preservavam por formação de elencos fixos e shows ensaiados por meses, Aninha e

⁴⁸ GRES Estácio de Sá, inicialmente chamada de “Deixa Falar”, a primeira escola de samba do Brasil, mas passou a ser reconhecida em 1955 como Estácio de Sá.

Carlinhos agiam de forma mais independente, quando havia eventos em hotéis, shoppings, convenções, estádios esportivos, órgãos públicos etc. Quando havia demanda, eles convocavam artistas brasileiros ou não que residiam nos Estados Unidos. Sendo assim, muitas mulheres americanas participaram de show brasileiros, tendo como professora e coreógrafa a própria Aninha Malandro. Em 1999 ela consolidou uma companhia de dança brasileira em Boston, período que os americanos passaram a consumir mais cultura brasileira. Depois de um tempo foi morar em Los Angeles, diminuindo a quantidade de apresentações e se reservando mais a ministrar aulas de samba e formar novos sambistas em território americano.

Com a crescente procura por aulas de samba e cultura brasileira nos Estados Unidos, Aninha resolveu empreender criando em 2016, junto com os coreógrafos Patrick Carvalho e Rodrigo Marques, o International Samba Congress um projeto que consiste em levar professores de danças brasileiras para outros países. Inicialmente o projeto era direcionado ao público americano e com técnicas de dança de salão e samba no pé, depois o projeto foi ganhando maior proporção e circulou em países como Japão, Inglaterra, Austrália, México, França e Alemanha, além de que outras modalidades de dança foram sendo inseridas, tais como a Dança Afro, Funk carioca, Frevo, Forró, Salsa e realizações de concursos e shows. O projeto International Samba Congress é um marco na transformação do artista de samba brasileiro em professores de cultura popular no ambiente internacional. Antes somente os grupos da capoeira se organizavam desta maneira, também havia casos isolados de mulatas que ministravam aulas, como é o caso da Nilce, o ISC lança a mulata como professora de mulata e começa a aparecer mulatas profissionais de outras nacionalidades, inclusive ocupando lugares onde somente as brasileiras trabalhavam. O ISC também atua fortemente pela internet com venda de aula on-line.

Aninha se intitula a mulata pioneira na performance em que interpreta um Malandro, daí surgiu o nome artístico, Aninha Malandro. Angariou muitos fãs a ponto de dar aulas de malandragem só para mulheres. Conta que estudou psicologia e trabalha como Psicóloga como atividade principal, mas ainda ministra aulas de samba e promove eventos de samba nos Estados Unidos.

Sobre preconceito, ela relata que sempre percebeu olhares diferentes para seu corpo, mas contou que certa vez, num evento organizado pelo Consulado Brasileiro em Los Angeles, foram orientadas a usar vestidos ao invés de biquínis e mesmo com adaptação do figurino do show atendendo ao pedido do contratante, ao entrarem em

cena a equipe do consulado se retirou da plateia, neste momento elas notaram que foram desmerecidas. Por outro lado, explicou que ela precisou entender a forma diferente do racismo americano e como deveria se portar. Constatou, também, que havia uma disseminação de informações errôneas com relação à mulher brasileira, independente da raça. Os americanos concebiam uma ideia de que além da beleza física tipicamente brasileira, as mulheres seriam “fáceis” de se relacionar, seja por cantadas de cunho preconceituoso ou prostituição. Por outro lado, muitas casas de show queriam dançarinas brasileiras, mesmo que não fossem exatamente mulatas, mas usassem roupas de características da cultura do samba. Essa dinâmica generalizou a imagem das mulheres brasileiras e desconfigurou a mulata show nos EUA, pois em muitas seletivas os empresários analisavam por fotografias, bastava ser bonita e parecer brasileira, eram aprovadas. Acrescenta que a oferta foi mudando numa tendência a excluir mulheres negras do show, à medida que as próprias americanas ou dançarinas de outras nacionalidades iam aprendendo a sambar e comprar figurinos de samba, consecutivamente ganhavam mais espaços. Tal onda também teve reflexos no Brasil com aparição de assistas, musas e rainhas internacionais em desfiles das escolas de samba. Aninha admite ter uma parcela de culpa nesta nova tendência, pois o International Samba Congress abriu este portal de conexões entre estrangeiros e escolas de samba. Nos dias de hoje é comum ver americanas brancas dando aula de samba de Mulata Show para outras estrangeiras, encerra a entrevista com esta constatação.

3.3 Bisteka da Mangueira

Tania de Fátima Souza Lima, nome artístico Tania Bisteka, tem 51 anos, solteira e sem filhos, nascida e criada na Mangueira. Tinha uma família inteira envolvida com a escola de samba, inclusive seus pais eram assistas da Mangueira e por conta disso desde pequena sempre circulou neste meio. Teve sua primeira experiência com o desfile através de sua avó que coordenava uma ala só de mulheres seminuas, era uma ala atípica na Mangueira e logo jovem desfilou nesta ala. Bisteka desde pequena fazia aulas de dança e se formou em Jazz, Moderno, Sapateado e Dança de salão em paralelo a suas atividades de sambista. Por orientação do

padrasto, que era um artista de show internacional se candidatou a uma vaga no elenco do Plataforma, que iria inaugurar uma casa de espetáculos no Porto Rico. Admirada pelo coreógrafo Walter Ribeiro, Bisteka passou no teste e acabou iniciando sua carreira de show já viajando internacionalmente em 1992, ela disse que naquele momento ela não tinha pretensão alguma de se tornar uma mulata show. Mesmo com toda a sua formação de danças acadêmicas, ela não foi contratada como dançarina ou bailarina, o que comprova o fato que por sua forma física e raça não eram preteridas para estas funções de maior rentabilidade. Era comum os empresários da época fazerem distinção entre mulatas e dançarinas a partir do corpo e da raça. Mas na hora do show Bisteka dançou diversas coreografias onde também estavam as dançarinas e sambava, mas seu salário era de mulata show, ou seja, inferior.

Foi emendando viagens uma atrás da outra durante muitos anos, certas vezes só conseguiu ficar no Brasil durante uma ou duas semanas e logo após retornou a viagem. Bisteka disse que nos grupos que trabalhou eram exigidos muitos ensaios e cuidado máximo com o corpo, contou que na Espanha eram diariamente pesadas e medidas e caso estivessem fora do padrão tinham um prazo de dez dias ou eram demitidas.

Nas viagens os olhares se dividiam entre respeito pelo trabalho, desejo sexual, objetificação e tinha muitos casos de paixão e até casamento. Mas em geral era um olhar preconceituoso, afirmou que certas vezes estes olhares ganhavam força quando as próprias mulatas tomavam atitudes negativas que fortaleciam o preconceito. Bisteka testemunhou alguns casamentos e assim como também viu mulheres que se descolavam dos grupos e tentavam se estabelecer nos países estrangeiros adotando diversas medidas, tais como fuga, namoro, troca de trabalho etc. Ela mesmo já havia recebido algumas propostas de casamento.

Bisteka alerta que na sua época, para ser recomendada para os shows, as mulatas tinham que ter uma boa conduta, além de produzir boas vestimentas, usar cabelos longos, maquiagem adequada, meia-calça sem furo da marca dansk, unhas feitas, tinham que investir para ter boas oportunidades e tirar um bom lucro.

De maneira saudosista, Tania diz que aprendeu muito com as viagens internacionais e que os trabalhos não só ajudaram como também possibilitaram ajudar sua família. Ela analisa que no passado havia mais trabalhos e com números artistas no elenco, mas que nos dias de hoje, as mulatas estão mais politizadas e mais conscientes de suas condições raciais e sociais. Ela exemplifica a questão do cabelo

étnico, na sua época as mulatas tinham que por obrigação usar Mega Hair e que hoje as meninas podem usar seus cabelos curtos e até Black Power nos shows. Acrescenta que o ofício da mulata show é diferente da passista da escola de samba, mas que esta diferença que tinha no passado foi diminuindo graças ao nivelamento das informações sobre como se tratar, aulas de samba na própria escola de samba e a flexibilização da exigência.

Bisteka finalizou dizendo que o samba a tornou Rainha de Bateria, a conquistar um Estandarte de Ouro, levou a participar do reality show “No Limite” da tv Globo, oportunizou ser dançarina dos cantores de pagode Bebeto e Waguiinho e fora do samba foi professora primária, atualmente cursa a faculdade de logística, para potencializar seu cargo de Diretora de barracão da Estação Primeira de Mangueira.

Conclusão

Nesta monografia foi possível exibir inúmeros cenários que levaram à utilização do corpo negro feminino como peça fundamental para construção e disseminação da imagem do Brasil como “Paraíso das Mulatas”. A pesquisa se aprofundou em investigar as produções textuais e culturais, desde os primeiros séculos da história deste país, buscando evidenciar a estruturação sistêmica de uma narrativa racista e sexista, mas também com olhar para os impactos na sociedade em relação a presença da mulata nas mais diversas esferas socioculturais e políticas.

As informações obtidas, a partir dos materiais requisitados, criaram uma linha cronológica de fatos e eventos que revelaram a concepção de identidade nacional almejada no passado e a persistência deste mesmo pensamento no tempo presente, que encontra uma oposição crescente na tomada de consciência coletiva sobre o mito da democracia racial que, entre outras ações, se utilizou da mulata como figura simbólica.

A apresentação de dados e a participação de personagens reais foi essencial para dar uma dimensão imagética ao ponto focal deste trabalho. Além disso trouxe à luz, ao campo acadêmico, estudos sobre histórias sociais impactadas com as ações das agências que detêm o poder de manipular a imagem da mulher negra, ora exaltando e ora desumanizando. Como visto e comprovado, as agências exerceram um papel de “biopoder” através de políticas públicas, agindo via empresas estatais de turismo, como na era Vargas e na Ditadura Militar, como também a participação de empresas privadas como Senac, agências de turismo, hotéis, casas de espetáculos, escolas de samba, empresas de comunicação e entretenimento nacionais e internacionais.

Vale ainda ressaltar que os shows de cultura popular brasileira já circulavam pela Europa, desde o século XIX, com diversos artistas dançando o maxixe. O livro “A Era do Maxixe”⁴⁹ da escritora, Juliana de Conceição conta que desde 1890, dançarinos e dançarinas de Maxixe, já eram contratados para exibições em Paris. Desde essa época, o cenário artístico do show internacional já era representado por homens e mulheres negras, neste caso, recém alforriadas e à procura de

⁴⁹ O Livro “A Era do Maxixe” escrito por Juliana Conceição, foi premiado em 2022 no concurso de monografia do Acervo da Cidade – Rio de Janeiro.

oportunidade de trabalho. A dança era considerada indecente e seus dançarinos, libertinos, apesar disso caiu no gosto do público francês que encomendaram apresentações em solo europeu. Com esta informação pode-se concluir que a exportação de corpos negros/mulatos já era um projeto antigo. Mas foi a partir do Estado Novo que estabelecem o samba como produto de difusão de ideologia nacionalista, sendo assim, desencadeou a “valorização” de artistas ligados ao samba com amplo destaque para Mulata Exportação.

E antes de finalizar, é importante frisar que o racismo atuou entre as mulheres negras implementando o determinismo a partir da coloração da pele e do fenótipo, descolando a imagem de negras retintas, às das mulatas. As mulatas mais claras, altas, de traços finos com bundas e pernas torneadas tinham mais chances de se tornar mulata exportação do que negras retintas e de estaturas menores. Outro fato era a expectativa da possibilidade de realização de casamentos com homens brancos europeus, vislumbrando um futuro melhor e ascensão social a partir do clareamento das suas futuras gerações

Nas entrevistas ficou constatado que as mulatas que atuaram entre os anos 80 e 2000, viveram áureos tempos do show brasileiro, como abertura de casas de espetáculos dentro e fora do país, programas de TV e viagens frequentes com boa remuneração em comparação às atividades profissionais que de costume eram atribuídas às mulheres negras. Ficou evidente que para ser uma mulata show/exportação atuava sobre elas um certo rigor com o trato do físico e comportamental, algo que as confundia em definir se era valorização ou repressão, o tal efeito “duplo nó”.

Finalizando, Aldione Sena, Nilce Fran, Aninha Malandro e Tania Bisteka concluem esta monografia com histórias de resistências e ressignificações que resultaram em transformações sociais e conquistas profissionais importantes que refletiram na formação de uma nova mulata show com outras perspectivas de atuação, mais autônoma e com atitudes mais conscientes das situações histórico-sociais, culturais e identitária do corpo negro feminino.

a mulher negra é responsável pela formação de um inconsciente cultural negro brasileiro. Ela passou os valores culturais negros; a cultura brasileira é eminentemente negra, esse foi seu principal papel desde o início. (GONZALES, 1985, P. 37)

Referências Bibliográficas

QUEIROZ JUNIOR, Teófilo de. **Ensaio 19: Preconceito de cor e a mulata na literatura brasileira**. São Paulo: Ática, 1975.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra**. Petrópolis: Vozes, 1999.

GONZALEZ, Lélia. **Por feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. **Festas populares no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 1. Ed. 2024

GIACOMINI, Sonia Maria. **Profissão mulata: natureza e aprendizagem em um curso de formação**. Curitiba: Appris, 2021.

COSTA, Fernando. **Memórias de um Sargento de Mulatas: Oswaldo Sargentelli**. Niterói: Imprensa Oficial, 1999.

NASCIMENTO, Abdias do. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2016.

NOGUEIRA, Izildinha Baptista. **Significações do corpo negro**. 1998. P. 88. Tese (Doutorado em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano) – Universidade de São Paulo. São Paulo;

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade**. São Paulo: Selo Negro, 2011.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LOPES, Ney. **O racismo explicado aos meus filhos**. Rio de Janeiro: Agir, 2007.

GOMES, Mariana Selister Gomes. **A (des)(re)construção do Brasil como um Paraíso de Mulatas**. Revista Eletrônica de Turismo Cultural. v. 04, nº. 02, 2010. Disponível: www.eca.usp.br/turismocultural. 03/03/2025.

RODRIGUES, Lindinalva Correia; SOARES, Vlândia Maria de Moura. **Mulatas: nem brancas, nem negras, nem humanas**. Tensões Mundiais, [S. l.], v. 17, n. 33, p. 329–348, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/tensoesmundiais/article/view/2990>. Acesso em: 25 out. 2024

CORRÊA, Mariza. **Sobre a invenção da Mulata**. Campinas: Cadernos Pagu. 1996

FRANÇA, Aloysio de França; RIBEIRO, Leonardo Gomes; IGNÁCIO, Marcela. **Sobre a Invenção da Mulata: A importância da reflexão teórica sobre a análise histórica**. FESPSP. São Paulo. Ano 11, v.1, n.15. 2002, p. 17-21

PEREIRA, Juliana da Conceição. **A era do Maxixe: A história social de uma dança nacional (1870 – 1930)**. Curitiba: Editora Casa, 2022.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Made in África**. São Paulo: Global, 2002.

MULATAS! TUFÃO NOS QUADRIS. Direção de Walmor Pamplona. 2011. Brasil: Carioca Filmes. 2011. DVD.